

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

IVILETI BERTHIER BAGGIO

**UM OLHAR PARA OS TRABALHADORES TERCEIRIZADOS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA:  
CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR A EJA**

FLORIANÓPOLIS  
2020

IVILETI BERTHIER BAGGIO

**UM OLHAR PARA OS TRABALHADORES TERCEIRIZADOS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA:  
CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR A EJA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lara Rodrigues Pereira e  
Coorientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Hermínia Lage  
Fernandes Laffin.

FLORIANÓPOLIS  
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

BAGGIO, Ivileti Berthier. Um olhar para os trabalhadores terceirizados da Universidade Federal de Santa Catarina: contribuições para pensar a EJA / Ivileti Berthier Baggio; Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lara Rodrigues Pereira, Coordenadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin, 2020. 61 f.

Ivileti Berthier Baggio

**UM OLHAR PARA OS TRABALHADORES TERCEIRIZADOS DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA: CONTRIBUIÇÕES PARA  
PENSAR A EJA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Pedagogia.

Florianópolis, 14 de fevereiro de 2020.

Profa. Dra. Jocemara Triches  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

Dr<sup>a</sup>. Lara Rodrigues Pereira  
Orientadora

Dr. Sandor Fernando Bringmann  
Professor (MEN/CED/UFSC)  
Membro titular

Mestre Claudio Roberto Antunes Scherer Junior  
Doutorando (PPGE UFSC)  
Membro titular

Suplente: Karina de Araújo Dias  
Doutora pelo PPGE UFSC  
Prof<sup>a</sup> Secretaria Municipal de Educação de Fpolis.  
Membro suplente

Dedico esta pesquisa a meu esposo, Lourenço Wiemes por ter me apoiado a realizar mais este sonho, formatando o trabalho, quero agradecê-lo imensamente porque sempre esteve ao meu lado nos momentos que precisei de ajuda.

Ao meu filho Pedro Henrique Baggio Wiemes que teve que dividir sua atenção aos meus estudos.

Em especial a minha avó Fortunata Berthier Thabak, que sempre quis aprender a ler e escrever, mas infelizmente lhe faltou oportunidades para se alfabetizar. Aos meus pais e demais familiares, que sempre acreditaram em mim.

Aos amigos que fiz durante o curso.

Meu muito obrigado a todos, vocês foram essenciais!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Prof. Dr<sup>a</sup>. Lara Rodrigues Pereira, que me acolheu compreendendo que para além de estudante e pesquisadora, sou dona de casa, mãe, esposa, que precisa ajudar cuidar dos pais e da avó, me orientando carinhosamente, contribuindo muito com a pesquisa, sugerindo embasamento teórico e indicando autores para dialogar com a pesquisa, passamos várias tardes revisando e aprimorando o trabalho. Meu muito obrigado Lara Pereira, você foi essencial!

À minha coorientadora Prof. Dr<sup>a</sup>. Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin. Obrigada por ter me acolhido de forma carinhosamente e me ajudar a realizar esta pesquisa. Obrigada por trazer ao curso de Pedagogia uma visão positiva da EJA e dos sujeitos aos quais ela se destina. Obrigada por me mostrar os avanços e conquistas da EJA e continuar lutando por melhorias dessa modalidade, mesmo depois de aposentada. Admiração e gratidão.

Agradeço ao meu esposo por ter me ajudado a formatar o trabalho.

E toda a equipe de pesquisadores da EJA da Universidade Federal de Santa Catarina.

A encarregada Cristiana Araújo da Silva que acolheu a pesquisa contribuindo com informações e mediado o agendamento de horários para realização das entrevista com os sujeitos da pesquisa.

A diretora do RU Graça Martins que acolheu a pesquisadora, emprestando material para consulta.

Em especial aos entrevistados que foram fundamental para concretização da pesquisa.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

(PAULO FREIRE, 2003)

## RESUMO

Esta pesquisa objetiva compreender as relações entre o nível de escolaridade dos trabalhadores terceirizados da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e suas condições sociais. Além disso, coletou-se e analisou-se dados, realizando entrevistas semiestruturadas e quais seriam as dificuldades de acesso dos jovens e adultos que não se alfabetizaram e que não retornam aos bancos escolares. Trata-se de uma pesquisa de abordagem empírica, mediante estudos bibliográficos, documentais e entrevistas. Para isso, foi aplicada entrevista semiestruturada, com nove trabalhadores terceirizados do Restaurante Universitário (RU/UFSC). Os dados coletados das entrevistas foram analisados com base nas questões em comum apresentadas nos relatos dos sujeitos, tais como: falta de autonomia em função da não escolarização, falta de acolhimento por parte dos professores, questões emocionais, entre outros. Através da análise dos dados coletados nas entrevistas identificou-se as principais causas da não escolarização. Salienta-se que os investigados demonstraram interesse em voltar a estudar, porém enfrentam dificuldades para conciliar o trabalho com os estudos. Para fundamentar a realização deste estudo, destacamos os seguintes pesquisadores: Haddad e Di Pierro (2000, 2017), Laffin (2006), Freire (1987), Arroyo (2005) entre outros.

**Palavras-chave:** Educação. Trabalho. Escolarização. Terceirizados. RU. UFSC.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Questões abordadas na entrevista .....	21
Quadro 2 - Relação de pessoal dos Serviços Terceirizados no RU .....	25
Quadro 3 - Caracterização dos entrevistados .....	28

## LISTA DE SIGLAS

CA	Colégio de Aplicação
CAPES	A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CED	Centro de Ciências da Educação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DGP	Diretório de Grupos de Pesquisa
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EPEJA	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDBEN	Lei de Diretrizes E Bases Da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
NDI	Núcleo de Desenvolvimento Infantil
NETI	Núcleo de Estudos da Terceira Idade
NSC	Notícias de Santa Catarina
PET	Programa de Educação Tutorial
QI	Quociente de Inteligência
RU	Restaurante Universitário
REUNI	Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
1.1 Minha trajetória: aproximações ao interesse pela pesquisa	11
1.2 Justificativa	17
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>20</b>
2.1 O contexto da pesquisa	22
2.1.1 Alguns dados sobre a Universidade Federal de Santa Catarina	22
2.1.2 O Restaurante Universitário da UFSC	23
2.1.3 Alguns elementos da pesquisa	25
2.1.4 Conhecendo os entrevistados	27
<b>3 ALGUNS REFERENCIAIS TEÓRICOS: TERCEIRIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DE TRABALHADORES</b>	<b>32</b>
3.1 A compreensão do processo de terceirização	32
3.2 Trajetória histórica da escolarização dos trabalhadores jovens e adultos no Brasil	33
<b>4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS</b>	<b>35</b>
4.1 Falta de autonomia em função da não escolarização	35
4.2 Perda de oportunidades de trabalho	36
4.3 A falta de acolhimento por parte dos professores	38
4.4 A questão do emocional e da autoestima	39
4.5 A maternidade	40
4.6 Dificuldades no domínio das tecnologias	41
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>45</b>
<b>6 APÊNDICES</b>	<b>53</b>
6.1 Termo de consentimento livre es esclarecido	53
6.2 Elaboração do roteiro da entrevista semiestruturada:	55
6.3 Certificado: Supletivo 1989	63

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Minha trajetória: aproximações ao interesse pela pesquisa

Quando nasci, meus pais moravam na área rural, e se nas cidades existe falta de infraestrutura, escolas, professores, centros de saúde, saneamento básico, imagina para quem mora no campo. Nesse sentido a criança que frequenta a educação infantil, ingressa no ensino fundamental I com mais bagagens em relação a quem não teve oportunidade.

De acordo com Sartori (2010, p. 76) as populações das áreas rurais acabaram sendo as mais prejudicadas com o fluxo populacional que passou a se efetivar no país, com o êxodo rural, a partir da década de 1950.

Do total de crianças de até seis anos matriculadas em creches de educação infantil, 93% estão em áreas urbanas. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de crianças nessa faixa etária que moram no campo ultrapassa os três milhões de indivíduos. Destes, apenas 5% estão estudando. Dados do Ministério da Educação apontam falta de escolas especializadas para o atendimento de estudantes que residem em áreas rurais. Não por acaso, é no campo que estão os municípios e escolas com menores índices de desenvolvimento da educação básica. (GUIMARÃES, 2008, p. 01).

Comecei a trabalhar aos nove anos para ajudar nas condições financeiras da família. Meu pai aos 27 sofreu derrame cerebral, o incapacitou para trabalhar, e minha mãe, para conseguir criar seis filhos pequenos, arrumou um trabalho de babá para mim na casa da minha professora. Durante o dia eu cuidava da sua filha, em “troca” ela me dava aula, porém a noite todos estavam cansados e meu estudos foram ficando de lado. Em suma, tive que pausar os estudos para trabalhar. Conforme Arroyo (2005), normalmente os jovens que precisam trabalhar estão privados dos bens simbólicos e da escolarização que a escola deveria garantir. É na escola que os indivíduos se apropriam dos conhecimentos essenciais e fundamentais para o desenvolvimento intelectual e formação humana. Nessa Perspectiva destaca se Albuquerque, Morais e Ferreira (2013, p. 14), a inserção em práticas que envolvem a leitura e a escrita de diversos textos (como minha professora-patroa me oportunizava), por si só, não possibilita que as crianças, jovens e adultos desenvolvam uma autonomia para ler e escrever.

[...] O direito à educação parte do reconhecimento de que o saber sistemático é mais do que uma importante herança cultural. Como parte do patrimônio cultural, o cidadão torna-se capaz de se apossar de padrões cognitivos e formativos pelos quais têm maiores possibilidades de participar dos destinos de sua sociedade e colaborar na sua transformação. (CURY, 2005, p. 20)

A educação destinada ao meio rural ficou em segundo plano nas políticas públicas, e nas conquistas em relação à educação. Primeiramente, tínhamos que dividir a mesma sala de aula com todas as crianças da 1ª a 4ª séries do ensino primário (hoje corresponde aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental), ou seja, eram classes multisseriadas compostas por crianças de idades diferentes com níveis de aprendizagem igualmente distintos. Outro fator preponderante é o fato de que o ensino era ofertado somente até a 4ª série do primário. Então quem tinha condições ia para cidade estudar, porém, eram poucas as crianças que tinham esta oportunidade, pois era muito caro morar na cidade; algumas crianças até foram trabalhar em casa de família para continuar os estudos. Foi o caso de uma das minhas irmãs. Mas a maioria dos pais não incentivavam os filhos a continuarem os estudos, porque a mão de obra faria falta na roça, para ajudar no plantio e na colheita.

Após concluir os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pretendia continuar estudando, entretanto, não tive muita escolha, porque precisava ajudar meus pais na lavoura. Quando tinha 17 anos, década de 1990, foi ofertado o chamado curso supletivo<sup>1</sup> na comunidade de Invernada, município de Grão-Pará localizado em Santa Catarina. A maioria dos jovens aproveitaram a oportunidade e se inscreveram para cursar da 5ª à 8ª série. Por se tratar de um período reduzido em sala de aula acabou despertando o interesse dos pais, pois a metodologia era a seguinte: os alunos recebiam as apostilas, iam para casa estudar e uma vez por semana os professores e estudantes retornavam até o salão paroquial para aplicação das provas. O espaço físico era precário, não tinha água e o banheiro era bem distante do espaço adaptado para execução das provas. Não havia materiais didáticos como quadro de giz, muito menos livros para empréstimo. Nesse sentido, Frigotto aponta dados da pesquisa:

Apenas cerca de 46% dos jovens têm acesso ao ensino médio, sendo que mais da metade destes o fazem no turno noturno e, grande parte, na modalidade de supletivo. Quando analisamos por região, a desigualdade aumenta. No campo, por exemplo, apenas 12% freqüentam o ensino médio na idade/série correspondente, também com enormes desigualdades regionais. FRIGOTTO, (2007, p. 1139)

---

<sup>1</sup> Com a LDBEN n. 9.394/96 houve mudança nessa nomenclatura para Educação de Jovens e Adultos (EJA), quando também houve a adoção de uma outra concepção em que se incluía os sujeitos e a EJA reconhecida como uma modalidade da Educação Básica.

De acordo com Arroyo (2005) a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino precarizada por falta de investimento por parte do Estado. Além da falta de materiais didáticos e pedagógicos, as aulas são ministradas muitas vezes por voluntários em espaços que pertencem a outras modalidades de ensino ou então em espaços alternativos como igrejas ou salões de festas, como o exemplo da minha turma que se formou num espaço precário, ministrada por professores desinteressados pela área. Nesse viés, os estudos demonstram que a educação de jovens e adultos ficou no esquecimento por muito tempo, e piorava as oportunidades e investimentos para quem morava na zona rural. A EJA foi reconhecida como modalidade, mas ainda não conquistou um espaço, como as demais modalidades, normalmente é adaptado uma sala dentro de outra instituição de outras modalidades.

Nas últimas duas décadas, a EJA foi incluída nas pautas e agendas governamentais, na legislação (como uma modalidade da Educação Básica, na Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional (LDBEN) nº. 9.394/96 e no financiamento público via Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB). Esse processo resultou em avanços em relação a materiais didáticos e formação de professores, mas a desistência ainda é muito grande. De acordo com Haddad e Di Pierro (2000), mas segundo os autores, ainda:

Ao longo da década de Educação para Todos, não houve uma ampliação significativa das oportunidades educacionais para a população brasileira jovem e adulta e, conseqüentemente, o país não conseguirá atingir ao final do milênio a meta de redução dos índices de analfabetismo. Os avanços obtidos no campo da alfabetização durante a década não resultaram dos esforços empreendidos na educação de jovens e adultos, e sim da combinação do perfil etário e da dinâmica demográfica à melhoria das condições de acesso das novas gerações ao ensino fundamental. (HADDAD e PIERRO, 2000, p. 39)

E, de acordo com Nienchoter e Steindel (2013, p. 14):

A Educação de Jovens e Adultos está inserida no contexto da Educação Básica, destinada a pessoas que não tenham conseguido estudar em idade considerada própria. Seu reconhecimento foi gradual, vindo a consolidar-se como um direito de fato com a Constituição Federal de 1988 e com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação em 1996 (LDB 9.394/96). Reconhecidos os avanços e sua efetiva legitimação, a EJA ainda é permeada por estigmas, preconceitos, nem sempre se configurando como uma educação de qualidade, permanecendo à margem dos processos de escolarização.

Nesse processo, Motta (2007, p. 49) aponta as formas pelas quais os intelectuais orgânicos do capital criam as bases de sustentação e legitimação da ordem social instituída, introduzindo elementos de seu projeto de sociedade no senso comum das massas, para que se efetive a hegemonia de seu projeto civilizatório. E nessa perspectiva que, na formação histórico-social das sociedades capitalistas, a educação sempre esteve atrelada à questão social. Essa dinâmica, que insere o processo de hegemonia de um determinado grupo sob outro, provoca o questionamento sobre a possibilidade de se estabelecer um mundo mais igualitário e mais justo, ou encontrar uma verdadeira solução para a sobrevivência da humanidade, nesse contexto econômico, político, social, cultural e ideológico de hegemonia neoliberal e imperialista.

Enfim, vou confessar que adquiri o certificado sem os conhecimentos principais, pois trabalhava o dia todo na roça, e quando chegava à noite estava tão cansada que não conseguia estudar. Os meus professores por entenderem a situação, melhoraram a nota das provas. Concluindo, ainda hoje corro atrás do “prejuízo”, por não ter conseguido estudar na idade considerada própria, condensando o conteúdo, além do pouco tempo para estudar, resultando numa formação insuficiente. Mas, preciso relatar que por mais que minha formação na EJA tenha sido precária, devido a minha realidade e ao contexto daquela época, foi de suma importância para garantir parte da minha formação, e chegar até aqui.

Por motivo de saúde, necessitei mudar para Florianópolis com objetivo de encontrar um especialista para fazer tratamento de reconstrução maxilar. Em princípio, pensei em ficar apenas um ano para realização do tratamento e depois retornar para minha cidade. Porém, o tratamento não deu certo, então optei por continuar morando em Florianópolis para dar sequência. Para ajudar com gastos fui trabalhar em casa de família, assim não pagava aluguel, uma vez que morava no local de trabalho.

O tempo foi passando e eu comecei a sentir falta de noções escolares básicas, tais como escrita e interpretação de texto, em função das lacunas deixadas pela minha trajetória escolar. Então resolvi voltar a estudar. Inscrevi-me para cursar o Ensino Médio, optando pelo ensino técnico magistério. Nesse período trabalhava como auxiliar de sala, no centro Educacional Girassol. Meu horário fixo de trabalho era das 13 às 19 horas. Mas raramente saía às 19 horas, porque a escola funcionava em regime de plantão. E nos finais de semana trabalhava como *babysitter*. Relato isso porque, sempre tive que conciliar o estudo com o trabalho.

Pesquisas apontam que a Educação de Jovens e Adultos tem sua história muito mais tensa do que a história da educação básica. Nela se cruzaram e cruzam interesses menos consensuais do que na educação da infância e da adolescência, sobretudo quando os jovens e adultos são trabalhadores, pobres, negros, subempregados, oprimidos, excluídos (ARROYO, 2005, p. 19).

Não estudar na idade considerada apropriada tem suas consequências, é preciso ser muito persistente e ter apoio familiar para não desistir no meio do caminho, pois não é fácil conciliar os estudos com as tarefas diárias. Lançar um olhar sobre o contexto de invisibilidade dos processos da não escolarização dos trabalhadores da UFSC, a partir da minha experiência foi uma escolha identitária, por isso optei por focar minha pesquisa em um grupo de trabalhadores terceirizados da RU que pretendem iniciar a escolarização ou continuar estudando.

Reconhecer que os jovens e adultos vivenciam cotidianamente desigualdades sociais perante o mundo não significa acreditar em um determinismo causal de insucesso na escola. No caso da EJA, não pode significar uma fragilização e aligeiramento da escolarização e da relação com o conhecimento. (Laffin 2012 p. 225)

No Brasil somente na Constituição Federal de 1988 foi reconhecido que a educação é um direito de todos. Está nos documentos orientadores e normativos, mesmo assim, as pesquisas demonstram que ainda existem milhões de analfabetos, muitos jovens e adultos que não deram continuidade em seus estudos na idade dita apropriada.

De acordo com Ferreira et al. (2012) a educação no Brasil não é para todos, pois, há uma contradição entre a educação destinada aos burgueses e a educação destinada aos trabalhadores.

A sociedade atual produz uma exclusão includente ao excluir o trabalhador do mercado formal, expropriando-lhes os direitos trabalhistas assegurados legalmente e, ao mesmo tempo, inclui uma massa de trabalhadores em condições de desemprego, subemprego, trabalho informal, terceirizado e precarizado. Inversamente, no campo educacional, a sociedade capitalista, segundo Kuenzer (2002) tem gerado uma inclusão excludente, pois as estratégias adotadas para a universalização do ensino tem resultado na oferta de um ensino precário e de má qualidade. Por isso, a Declaração de Dakar chamou a atenção para o fato de que a qualidade de ensino não deveria ser prejudicada conforme o acesso à escola fosse ampliado. Na verdade, o discurso sobre a inclusão escolar e social é, contraditoriamente, fruto de uma sociedade que tende a reproduzir a apropriação privada dos bens e a exclusão social. (FERREIRA et al, 2012, p.1780)

Motta (2007, p. 39), também afirma que a educação, enquanto atividade social centrada no homem e em suas necessidades, subordinada à lógica do capital, exerce as funções de reprodução alienada da força de trabalho e de conformação com a realidade. Após minha formação no magistério optei por me dedicar somente ao trabalho. Porém, sempre tive vontade de continuar estudando, então, depois que meu filho já estava mais independente, resolvi prestar vestibular.

Quando vi meu nome na lista de aprovados, nem acreditei, por muitas vezes achei que eu não seria capaz de passar no vestibular, justamente pela minha trajetória escolar. No entanto, agora eu tinha a oportunidade de voltar a estudar, permitindo com que um novo horizonte se abrisse. Lembro-me como se fosse hoje, meu primeiro dia de aula; estava tão ansiosa, querendo recuperar o tempo perdido, pois agora o sonho de ingressar na universidade tinha se tornado realidade. Porém, um ano se passou e me inquietava o fato de não estar conseguindo ler parte dos textos solicitados pelos professores. Isso, pois, me envolvia com intensidade no trabalho, em casa e com família e quando realmente ia estudar já estava tão cansada que meus estudos não rendiam. Isso mais uma vez vinha prejudicando minha formação. Normalmente os alunos que estudam na EJA saem em desvantagem com relação aos alunos que estudam no sistema regular.

Para atingir minhas expectativas, de adquirir na UFSC uma formação de autoconhecimento, de aprendizagens significativas, em 2016, resolvi tentar uma bolsa de estudo no Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de Pedagogia, para dedicar-me mais à formação. Ao ser selecionada para vaga, tinha que escolher um dos eixos de pesquisa, pois PET Pedagogia se divide em 3 eixos na organização das ações do grupo: - Infância e Literatura; - Processos educativos, Sujeitos e Relações raciais (ERER) e; - Práticas Educativas e Processos de Escolarização de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O PET é integrado por grupos tutoriais de aprendizagem. O Programa busca propiciar aos alunos, sob a orientação de um professor tutor, condições para a realização de atividades extracurriculares, que complementem a sua formação acadêmica, procurando atender mais plenamente às necessidades do próprio curso de graduação e/ou ampliar e aprofundar os objetivos e os conteúdos programáticos que integram sua grade curricular. Neste sentido, espera-se proporcionar uma melhoria da qualidade acadêmica dos cursos de graduação apoiados pelo PET. (BRASIL. 2002).

Escolhi fazer parte do grupo da EJA, no qual uma das tutoras colaboradoras era<sup>2</sup> a professora Dra. Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin. Portanto, logo estava participando dos encontros do grupo dos pesquisadores: EPEJA – Grupo de estudos e pesquisas em Educação de Jovens e Adultos, coordenado pelas professoras Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin e Paula Cabral. Fiquei encantada ao encontrar um grupo de pesquisadores voltados a uma significativa parcela da população que não teve oportunidade de estudar na idade regular, assim como eu.

Sou muito grata por fazer parte do Pet Pedagogia e pelo apoio que recebo das tutoras e das bolsist@s Petianas, pois fazer parte do PET têm contribuído muito para minha formação, e me motivado a não ter desistido do curso, já que voltar estudar depois de ter filho implica no tempo que tenho que dividir entre os cuidados básicos e também preciso dispor de tempo para a formação dele, conciliando com a minha, entendendo que para uma formação de qualidade é necessário de tempo para se dedicar ao estudo.

## 1.2 Justificativa

A ideia de uma pesquisa empírica voltada para o campo da Educação de Jovens e Adultos - EJA surgiu a partir de vários motivos. Primeiramente, porque na minha formação da 5ª a 8ª séries, cursei o chamado na época, curso Supletivo condensado no período entre 1989 a 1990. Também porque tenho várias pessoas na família que não tiveram a oportunidade de se alfabetizar, em especial duas pessoas muito próximas a mim, minha avó e meu pai. Percebo o quanto são dependentes da família, inseguros, prejudicados e deprimidos por não conseguirem escrever nem seus próprios nomes.

Em meados de 1983 aconteceu um episódio que me marcou até hoje, quando retornava da aula, fui visitar minha avó materna, que me aguardava com um pedaço de papel, para ensiná-la escrever seu nome. Meu avô que passava por ali, disse “Deixa de ser tola vai querer aprender depois de velha”. Naquela época minha avó tinha 64 anos, já se passaram mais de três décadas, minha avó já completou 100 anos, porém quando pega um livro, segura e diz “o que será que está escrito aqui?”.

---

<sup>2</sup> A professora se aposentou em 2018

Quando constatei que havia vários sujeitos que trabalhavam na Universidade Federal de Santa Catarina e que não tinham iniciado a escolarização, me remeteu à história da minha avó, que, ainda tem carência de aprender a ler e escrever.

De acordo com Freire (1987, p. 52) é por meio da educação que o sujeito pode encontrar a liberdade, “somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor”. Nesse sentido, compactuo com o autor, pois, hoje vejo o mundo com olhar mais crítico. Arroyo (2006, p. 24) complementa:

O público da EJA são jovens e adultos com uma história, com uma trajetória social, racial, territorial que tem que ser conhecida, para acertar com projetos que deem conta de seu contexto e de sua condição. Deste modo, o ensino na EJA não pode se restringir aos conhecimentos científicos, mas deve ir além, propondo discussões acerca da constituição da sociedade por classes como um processo humano, não natural.

Em uma das minhas idas ao Restaurante Universitário da UFSC (RU), encontrei uma colega chamada Cris<sup>3</sup>, que trabalha como encarregada, e umas de suas funções é organizar o cartão ponto dos funcionários. Durante a nossa conversa, Cris comentou que tinha duas trabalhadoras sem escolarização, que não conseguiam escrever seus nomes. Para solucionar o problema de estar sempre dependendo da tinta para usar a digital, a mesma ajudou as duas a escrever seus primeiros nomes. Eu mesma constatei que não são as únicas trabalhadoras que têm dificuldades de assinar o cartão por falta de escolarização. Conversando com um trabalhador do Centro de Ciências da Educação (CED), constatei que o mesmo não tem escolarização e gostaria muito de voltar a estudar, porém, não sabe por onde começar. Enfim, a partir desses relatos pretendeu-se compreender os impactos do trabalho precoce e a falta de oportunidade de escolarização desses sujeitos que são representantes da classe trabalhadora.

Inquietada com a situação, trouxe a problemática para a professora Maria Hermínia, perguntando se seria possível fazer algo para ajudá-los. A professora foi muito prestativa e me apoiou, sugerindo que poderíamos montar um projeto de extensão, ou encaminhá-los para onde é ofertada a EJA. Por meio de uma sondagem superficial constatei que, tem muitos

---

<sup>3</sup> Optou-se usar nome fictício dos sujeitos da entrevista para preservar a sua imagem e respeitar as questões de ética.

trabalhadores na UFSC sem escolarização, querendo retornar aos estudos. Nesse contexto, busquei compreender os percursos desses sujeitos trabalhadores. A presente pesquisa tem como objetivo compreender as relações do nível de escolaridade de trabalhadores terceirizados da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC suas vivências, e as consequências da desescolarização. Para o seu alcance apresenta-se os objetivos específicos: a) analisar referenciais teóricos e documentais sobre educação e trabalho; b) situar o processo de contratação dos servidores terceirizados da Universidade Federal de Santa Catarina e; c) caracterizar as trajetórias da escolarização dos sujeitos que trabalham no serviço terceirizado do Restaurante Universitário da UFSC. Nesse contexto, foram coletadas e analisadas informações referentes às questões de trabalho dos jovens e adultos que não foram alfabetizados ou os que também não concluíram a educação básica.

Para problematizar a investigação aponta-se algumas reflexões que transpassam a pesquisa: compreender porque ainda existem tantos indivíduos que não iniciaram o processo de escolarização e outros que iniciaram, porém não continuaram a sua formação básica. O trabalho precoce influencia nessa escolha? Esses sujeitos conhecem seus direitos a educação básica? Quais políticas se tem implementado para esses sujeitos excluídos dos processos de escolarização?

Perante essas reflexões, o problema deste trabalho se constituiu em: quais as trajetórias de (d)escolarização de sujeitos terceirizados da UFSC que trabalham no Restaurante Universitário da UFSC? A hipótese inicial é de que os trabalhadores terceirizados, de modo geral, e principalmente na área da prestação de serviços de limpeza, não possuem a escolarização básica completa, sendo que alguns sujeitos nem iniciaram o processo de educação formal e que essa ausência é marcada por muitos momentos de exclusão social.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento desta pesquisa foram os seguintes: estudo bibliográfico, aplicação de questionário, com roteiro semiestruturadas e análise de dados, entendendo que são os mais adequados para este trabalho. O estudo bibliográfico foi necessário para fundamentar as categorias mais importantes do trabalho e aprofundar a discussão teórica sobre o tema, proporcionando ao pesquisador maior fundamentação para o aprofundamento de sua pesquisa, tendo em vista a necessidade de ter elementos concretos para discutir sua problematização.

Após a definição dos objetivos e justificativa deste trabalho, foi realizada uma investigação do assunto para compreendê-lo, através de pesquisas bibliográficas, para isso busquei aprofundar meus conhecimentos sobre o tema em diversas fontes distintas, tais como artigos, livros, trabalhos acadêmicos, sites, revistas eletrônicas, vídeos, matérias, que abordam assuntos relacionados ao tema, entre outros.

A pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações. (MARCONI E LAKATOS, 2010, p. 158)

De acordo com Gil (2000, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Quanto à análise documental,<sup>4</sup> foi realizado um levantamento de fontes vinculadas à história do Restaurante Universitário da UFSC. Tal levantamento foi baseado na dissertação de mestrado de Maria das Graças Martins, diretora do Restaurante Universitário da UFSC.

O objetivo dessa análise documental foi de compreender o processo de contratação dos trabalhadores do RU. Como os trabalhadores não escolarizados resolvem os problemas relacionados a desescolarização, levando em conta a precarização inerente à terceirização, uma vez que, enquanto existem trabalhadores com doutorado na Universidade, existem

---

<sup>4</sup> Por falta de acesso de alguns documentos, não foi possível analisar todos os documentos que se pretendia durante a pesquisa.

também terceirizados que não são escolarizados. Dentro deste último grupo, em virtude desta pesquisa, pude perceber as dificuldades que os não escolarizados possuem no desempenho de suas próprias funções, pois o simples fato de não conseguir ler um aviso no mural pode comprometer o seu trabalho. O fato de sempre dependerem de outras pessoas para localizar em qual setor estarão designados, em função do rodízio, os torna dependentes por não saberem ler. Além desta constante dependência percebi o constrangimento que decorre do fato de não saberem ler, pois ao pedirem ajuda se expõem.

As entrevistas foram feitas depois da autorização concedida via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), pelos entrevistados seguindo os preceitos éticos da pesquisa com seres humanos. Os termos estão arquivados para posteriores consultas ou para qualquer eventual questionamento.

As transcrições das falas dos sujeitos entrevistados não foram ao pé da letra, pois ative-me ao teor das suas falas e trabalhei com recortes destas falas por entender que nelas residia o foco da pesquisa. Em relação às entrevistas semiestruturadas, de acordo com May (2004, p. 149) a diferença central para as estruturadas é o seu “caráter aberto”, ou seja, o entrevistado responde às perguntas dentro de sua concepção, mas, não se trata de deixá-lo falar livremente, pois o pesquisador não deve perder de vista o seu foco.

Nesse sentido, apresenta-se a seguir o quadro 1 com as questões abordadas nas entrevistas:

<b>Quadro 1: Questões abordadas na entrevista</b>	
Introdução e perfil dos sujeitos trabalhadores	Apresentação da pesquisadora e a temática de pesquisa Qual seu nome? Qual sua idade? Qual seu local de nascimento? Tem filhos? Qual o seu gênero? ( ) feminino ( ) masculino Qual o seu estado civil?
Desenvolvimento	Você já estudou quando criança/adolescente? Parou de estudar? Quando? Porque? Quais as dificuldades que têm para dar continuidade aos estudos? Quais os motivos que levaram você a não iniciar ou não dar continuidade aos estudos? Quais são as consequências de não saber ler e escrever? Você tem interesse de continuar os estudos? É ofertada a modalidade EJA no seu bairro? E o que a/o impede de continuar os estudos ?
Finalização	O que você espera do futuro? Você acha que a falta de formação, influencia na hora de conseguir um emprego?

	Você está satisfeito com seu trabalho? E já perdeu alguma oportunidade de trabalho por falta de formação?
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

Essas questões foram essenciais para compreender ainda mais as especificidades dos trabalhadores do RU e suas expectativas em relação a EJA.

## **2.1 O contexto da pesquisa**

De acordo com Amado e Ferreira (2013, p. 174-177), as histórias de vida diferem das outras entrevistas pelo seu objetivo, mas convergem pelo planejamento, pois para o planejamento das entrevistas algumas perguntas devem ser levadas em consideração: Como encontrar voluntários para participar da pesquisa? Como definir os limites cronológicos para a investigação? As quantidades de Histórias de vida implicam na análise? Como criar um ambiente propício de confiança para a entrevista? Como transcrever, analisar e divulgar as entrevistas? Nesse sentido buscou-se também conhecer um pouco do contexto de trabalho dos entrevistados.

A seguir, apresenta-se um resumo, sobre a Universidade Federal de Santa Catarina e dados do Restaurante Universitário (RU), onde foram realizadas as entrevistas para a presente pesquisa.

### **2.1.1 Alguns dados sobre a Universidade Federal de Santa Catarina**

O campo de estudo desta pesquisa é a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com sede em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. Foi fundada em 18 de dezembro de 1960, com o objetivo de promover o ensino, a pesquisa e a extensão. Sua comunidade é constituída por cerca de 50 mil pessoas, entre docentes, técnico-administrativos em Educação, estudantes e 130 trabalhadores terceirizados. São aproximadamente 5.500 professores e técnicos que atuam em atividades cujos resultados são referência no Brasil e Exterior (UFSC, 2014).

É uma Universidade pública e gratuita, e possui campi em mais quatro municípios: Araranguá, Curitibanos, Joinville e Blumenau. Todos os novos campi foram instituídos com

recursos do Programa de Apoio à Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), do Ministério da Educação (MEC), em um processo de interiorização da Universidade para outras regiões em Santa Catarina (UFSC, 2014). Seu comprometimento com a excelência e a solidariedade faz com que alcance altos níveis de qualificação, participando da construção de uma sociedade mais justa e democrática. A UFSC tem mais de 30 mil estudantes matriculados em 103 cursos de graduação presenciais e 14 cursos de educação a distância.

Quanto à pós-graduação, a UFSC disponibiliza mais de 7 mil vagas para cursos *stricto sensu*: são 63 mestrados acadêmicos, 15 mestrados profissionais e, 55 cursos de doutorado. Nos 32 cursos de especialização, são mais de 6 mil alunos a distância e 500 em cursos *stricto sensu* presenciais. Na última avaliação do Sistema Nacional de Pós-Graduações, realizada pela Coordenação de Pessoal de Nível Superior (Capes), foram conceituados com notas 6 e 7 – as mais altas – 17 dos 56 programas avaliados e 62,5% deles obtiveram nota igual ou superior a 5. No Campus Florianópolis, estão localizados o Colégio de Aplicação (CA), que oferece os ensinamentos fundamental e médio à comunidade, e o Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI), que atende mais de 210 crianças com idade até 5 anos e 11 meses. A UFSC possui cerca de 600 grupos de pesquisa certificados no Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), reunindo professores, técnicos e estudantes (UFSC, 2014). Além da expansão no próprio estado, a UFSC tem se internacionalizado por meio da cooperação com instituições de ensino de todo o mundo<sup>5</sup>. Dados coletados na Dissertação de Mestrado de Martins (2017, p. 76).

### **2.1.2 O Restaurante Universitário da UFSC**

O RU é um Restaurante Universitário da UFSC aberto para comunidade acadêmica, oferece almoço e janta todos os dias da semana, inclusive aos finais de semana, a unidade foi construída com objetivo de assistência, principalmente, aos estudantes, as refeições servidas são de qualidade e diversificada, com acompanhamento de frutas de sobremesa. Sempre com

---

<sup>5</sup> As informações referentes à Universidade e ao Restaurante Universitário foram coletadas na Dissertação de Mestrado de Maria das Graças Martins, intitulada Análise de processos: Um estudo no restaurante universitário da Universidade Federal de Santa Catarina, defendida em 2017, no PPGAU-UFSC.

acompanhamento de nutricionistas. O cardápio é planejado e elaborado semanalmente, disponibilizado via site para os usuários. O Restaurante Universitário recebe diariamente toneladas de alimentos para o preparo das refeições, como não tem espaço físico para armazenar produtos perecíveis, como carne e hortifrutigranjeiros, esses produtos são entregues diariamente no dia do seu preparo ou com um dia de antecedência.

O RU é essencial para os estudantes se manterem nos cursos, principalmente para aqueles de baixa renda. É também um espaço de trocas de culturas, vivências e socialização com colegas do mesmo curso e dos demais cursos, tanto de graduação, mestrado e doutorado, com estudantes de vários estados do Brasil e de outros países. Eu e meu filho já almoçamos com estudantes da Argentina, Chile, Itália, Haiti, são momentos riquíssimos de trocas de conhecimentos e culturas.

No curso de Pedagogia temos uma disciplina de Libras, entretanto não temos muito como praticar, considero esse espaço do RU um momento de inclusão importantíssimo para pôr em prática o que aprendemos na disciplina de Libras, pois ao encontrar os estudantes surdos de outros cursos, sempre relembro alguns sinais.

Também abre possibilidades de Ensino, Pesquisa e Extensão, através da abertura de campos de estágio para as mais diversas disciplinas. Nesse viés o “RU” foi fundamental, abrindo as “portas” para concretização da minha pesquisa. Mas, para estes estudantes, servidores e professores, ter acesso a este espaço organizado, funcionando, depende de uma equipe de trabalhadores terceirizados e servidores públicos, sendo que a grande maioria dos trabalhadores do RU são terceirizados. Esses trabalhadores iniciam a jornada de trabalho às 6 horas, com salários injustos e desvalorizados perante a sociedade pela profissão sem status, pois são invisibilizados pela maioria dos professores, técnicos e estudantes. pois só sentimos sua falta quando é necessário limpar ou consertar algo.

O *locus* da pesquisa é o Restaurante Universitário (RU) da Universidade. O restaurante existe desde 1965, e, em 2011, foi inaugurado seu novo prédio, maior e mais moderno. O RU foi construído com intuito de assistência aos estudantes e servidores da UFSC, pois cerca de 10.000 deles se alimentam nele todos os dias. A comunidade acadêmica da UFSC tem disponível uma ampla estrutura alimentar sob-responsabilidade do RU, que é uma das unidades executoras da política de permanência vinculada à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). Dessa forma, o RU busca priorizar a saúde de seus usuários por meio do fornecimento de uma alimentação balanceada e diversificada produzida dentro de um padrão de controle de qualidade, bem como procura contribuir com a promoção da qualidade do ensino, pesquisa e extensão na universidade, por meio da abertura de campos de estágio para

as mais diversas disciplinas. Dados coletadas na Dissertação de Mestrado de Martins (2017, p. 76)

Apresenta-se a seguir o quadro de profissionais terceirizados que trabalham no Restaurante Universitário da UFSC. No decorrer da pesquisa aplicou-se o questionário com alguns dos trabalhadores caracterizados no quadro a seguir:

Quadro 2 - Relação de pessoal dos Serviços Terceirizados no RU

EMPRESA	SERVIÇO	DETALHAMENTO
Orbenk	Cozinheiros, auxiliares de cozinha, auxiliares de almoxarifado e encarregados.	Sendo 10 cozinheiros e 38 auxiliares de cozinha, 03 auxiliares de almoxarifado e 02 encarregados, por turno com jornada de 12x36h.
Provac	Servente de limpeza	7 serventes de limpeza
Ilha Service	Vendedores de passe	04 operadores de caixa
Embrasp	Porteiros	07 porteiros.

Fonte: Adaptação da autora para tabela apresentada em Dissertação de Maria das Graças Martins-RU/PRAE (2016)

### 2.1.3 Alguns elementos da pesquisa

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que chega como complemento educacional à classe trabalhadora, com a garantia constitucional de acesso ao Ensino Fundamental gratuito “para todos os que dela não tiveram acesso na idade própria” (BRASIL, 1988).

Conforme já citado, um dos interesses pela temática desta pesquisa empírica, voltada para o campo da Educação de Jovens e Adultos, surgiu a partir de uma aproximação com os trabalhadores do RU, onde foi constatado que existem trabalhadores terceirizados sem escolarização básica, sendo que alguns iniciaram o processo de alfabetização, porém não concluíram, e outros nem iniciaram o ensino fundamental.

No início da pesquisa senti a necessidade de realizar quatro entrevistas para “averiguar” o espaço e conhecer os sujeitos, elementos que pudessem ajudar na escolha do embasamento teórico. Desse modo, em campo realizei quatro entrevistas.

Constatei de imediato que há trabalhadoras sem escolarização. Ao utilizar a análise dos dados busquei junto aos sujeitos, informações que mostram dados mais detalhados para a pesquisa. Ampliei em mais cinco o número de entrevistados no decorrer do processo da investigação, totalizando nove entrevistados. Penso que é importante compreender as especificidades dos trabalhadores, buscando então interpretar o que pensam, o que sentem e quais as expectativas esperam para futuro.

A encarregada Cris, havia relatado que os trabalhadores não gostam de falar sobre a sua escolarização. No decorrer do tempo, ela vai descobrindo que muitos não são escolarizados, quando surgem as dificuldades, como por exemplo: um trabalhador uma vez chegou a desenhar o que precisava anotar, depois veio a confirmação que o mesmo não sabia escrever, por isso ele desenhou.

Antes de sair a campo para entrevistar os trabalhadores, realizei pesquisas bibliográficas para orientar na abordagem das entrevistas. Observei que no primeiro momento da entrevista, alguns trabalhadores estavam inseguros, com vergonha de confessar que não são escolarizados. Mas a confiança foi acontecendo durante o processo, principalmente a partir do momento em que relatei um pouco da minha trajetória. Percebendo que alguns trabalhadores desconheciam seus direitos, “garantidos por lei”, também relatando a eles que não há uma idade considerada apropriada para a formação dos indivíduos, embora exista a ideia de que o Ensino Fundamental deva ser cursado na infância. Nesse sentido, pretendeu-se, ao longo do estudo compreender os impactos do trabalho precoce e a falta de oportunidade de escolarização da classe trabalhadora, principalmente no que se refere aos empregos terceirizados.

Haddad e Di Pierro (2000, p 211), ressaltam que o uso do termo “idade própria”, no Artigo 208 da Constituição Federal de 1988, possibilita entender que existe uma idade apropriada para aprender, tornando a educação de jovens e de adultos uma política com o objetivo de repor a escolaridade não realizada na infância e na adolescência, consideradas idades apropriadas.

Para Minayo (2009) a pesquisa se enriquece quando o pesquisador é capaz de usar a teoria para ler a entrevista, a importância de se perceber a sabedoria popular e a ciência como

conhecimentos que podem se contrapor e podem também se complementar. A autora ainda afirma que a pesquisa é atividade básica da ciência na construção e leitura da realidade.

De acordo com Aguiar e Ozella (2013, p. 307), a apreensão dos sentidos não significa aprendermos uma única resposta, coerente, absolutamente definida, completa, mas expressões muitas vezes parciais, cheias de contradições, muitas vezes não significadas pelo sujeito, mas que nos apresentam indicadores das formas de ser do sujeito, de processos vividos por ele. É difícil sua assimilação, ele não se revela facilmente, ele não está na aparência, por vezes o próprio sujeito o desconhece, não se apropria da totalidade de suas vivências, não as articula.

De acordo com Braga (2002) apud Celeguim e Roesler (2009), que relatam à forma como são vistos os trabalhadores de profissões desprovidas de status, através da experiência do jovem estudante do curso de Psicologia da Universidade de São Paulo, Fernando Braga da Costa, que se passou por gari, e vivenciou o dia a dia destes trabalhadores, sentiu na pele como são excluídos da sociedade em função do cargo que ocupam. Costa reitera a importância da consciência sobre a invisibilidade pública, e de ter um "olhar" mais cauteloso com aqueles que estão à nossa volta. Nesse sentido, percebeu-se no depoimento dos entrevistados a invisibilidade, e quando falam que gostariam de mudar de profissão, acredita-se que também está relacionado a discriminação da função que ocupam. Conforme reflexões de Costa:

No decorrer do curso de Psicologia, Costa juntou-se em caráter xó ao grupo de garis que varrem as calçadas e as ruas da Escola de Engenharia Civil da USP. Durante nove anos, trabalhou ao menos uma vez por semana com este grupo de garis sob as mais adversas condições. Estes longos anos de vivência nesta inexpressiva atividade marcaram a trajetória profissional e pessoal de Costa, que descobriu um mundo paralelo à sociedade atual, onde os modelos de consumo dão as cartas e quem não tem os recursos financeiros necessários para participar, ca totalmente alijado do contexto assim estabelecido. A consequência desta exclusão social ficou claramente perceptível para Costa, ao citar que as pessoas posicionadas na sociedade em vigor levam em consideração apenas a função social do outro, e não a pessoa em si. Em suma, a valorização social está condicionada ao sucesso e à posição dentro do contexto social. Caso contrário, quem é ou está desprovido das prerrogativas sociais estabelecidas pela sociedade de consumo vigente torna-se mera sombra social. (COSTA, 2002 apud CELEGUIM e ROESLER 2009, p.18)

### 2.1.4 Conhecendo os entrevistados

Os entrevistados foram direcionados pela encarregada Cris, mediante agendamento de horário pré estabelecido, sendo uma entrevista por semana e a maioria das entrevistas foram realizadas no horário do intervalo dos trabalhadores, com duração em média de 30 a 60 minutos. A escolha da utilização de um roteiro foi montado para auxiliar na condução das entrevistas com questões semi-abertas, deu-se devido a maior abertura de liberdade para os entrevistados responderem as perguntas.

Com base nesta ideia, destacamos os autores Amado e Ferreira (2014, p. 170), que orientam a forma de como abordar os entrevistados; nesse viés os autores apontam que o estudo auto(biográfico) é um tipo de investigação que visa captar, através de um relato ou narrativa, a interpretação que determinada pessoa faz de um percurso de sua vida com a respectiva diversidade de experiências e sentimentos. A autobiografia pode estar relacionado à reconstrução da memória individual e coletiva. No relato do passado emergem vários significados que não haviam sido explorados e novas leituras do presente se constroem, vislumbrando o futuro. Nesse presente o ser já não é o mesmo do passado. A visão presente com suas novas relações e contextos influenciam o discurso e constituição deste mesmo sujeito.

De acordo com Di Pierro (2014), que tratou dos desafios da Educação de Jovens e Adultos em entrevista: Roda de Conversa que foi ao ar no dia (29/03/2014), veiculado pela Rede Minas, diz que não temos um único grupo de candidatos a EJA, mas tem pelo menos dois grupos que foram precocemente excluídos dos seus direitos educativos, um grupo de pessoas mais idosas, que viveram em uma época em que o acesso a educação era mais difícil, principalmente nas zonas rurais. Neste grupo estão os analfabetos, que é o caso da minha avó. Já o segundo grupo bem numeroso, bastante heterogênea, que abandonaram precocemente os estudos, por vários fatores, como sociais econômicos, fatores escolares, em função das interrupções. Nas entrevistas identificou-se os dois grupos, sendo quatro trabalhadores analfabetos e cinco que iniciaram a escolarização, mas tiveram que interromper.

A seguir apresenta-se o quadro com o nome dos trabalhadores que contribuíram com a pesquisa. As identidades dos sujeitos participantes desta pesquisa foram preservadas. Desse modo, utilizou-se nomes fictícios, sendo que cada trabalhador escolheu seu próprio apelido.

Quadro 3 - Caracterização dos entrevistados

<b>Caracterização dos participantes</b>					
<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Naturalidade</b>	<b>Filhos</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Gênero</b>
Juca	52 anos	Florianópolis	0	solteiro	masculino

Deca	42 anos	Bahia	6 filhos	casada	feminina
Celia	38 anos	Bahia	2 filhos	casada	feminina
Vivi	25 anos	Alagoas	2 filhos	casada	feminina
Catarina	39 anos	Florianópolis	3 filhos	casada	feminina
Luna	28 anos	Bahia	2 filhos	casada	feminina
Tina	33 anos	Bahia	2 filhos	casada	feminina
Dudu	51 anos	Florianópolis	5 filhos	casado	masculino
Domingos	42 anos	Bahia	1 filho	casado	masculino

A pesquisa foi realizada mediante entrevistas com nove funcionários do RU, dentre eles, três homens e seis mulheres, com idades entre 28 a 52 anos de idade, em sua maioria negros e mestiços. Conforme Haddad e Di Pierro (2000, p. 31) enquanto o índice de analfabetismo entre os brancos era de 9%, entre os negros e pardos esse percentual elevava-se para 22,2%.

Conforme apontam as pesquisas no Brasil, existe uma dívida histórica com a educação dos pobres, e esta dívida é ainda maior para com negros, pois os negros em nosso país viveram além da escravidão um processo de intensa discriminação, foram tratados desumanamente e tratados como seres sem alma. E por mais que já se tenha tentado reparar para minimização dessa desigualdade, o preconceito ainda reina entre nós, então há as consequências, pois os negro são mais pobres, analfabetos, moradores de periferias, é inaceitável que ainda julgamos pela cor da pele. mas infelizmente isso existe e está associada à discriminação, as desigualdades e ao contexto histórico, econômico e social, nesse sentido os negros por vezes não têm as mesmas oportunidades.

Apesar da escolaridade de brancos e negros crescer de forma contínua ao longo do século, a diferença de 2,3 anos de estudos entre jovens brancos e negros de 25 anos de idade é a mesma observada entre os pais desses jovens. E, de forma assustadoramente natural, 2,3 anos é a diferença entre os avós desses jovens. Além de elevado o padrão de discriminação racial expresso pelo diferencial na escolaridade entre brancos e negros, mantém-se perversamente estável entre as gerações [...] Os dados indicam que o racismo é estruturante das desigualdades a que está submetida a população negra, pois incide sobre ela e determina as suas condições sociais por gerações. [...] As desvantagens educacionais acumuladas fazem com que muitos jovens e adultos negros procurem a EJA para concluir a

escolarização básica. Indicadores como anos de estudo, reprovação, evasão, distorção idade série, currículo escolar desenvolvido, desempenho dos estudantes, relação professor-aluno, qualidade do equipamento escolar e sua localização, entre outros, têm sido divulgados nos últimos anos mostrando as disparidades entre brancos e negros no acesso, permanência e conclusão dos percursos escolares. Isso significa que as variáveis utilizadas nas análises dessas desvantagens escolares se ampliaram e, com elas, nossa possibilidade de melhor entender o fenômeno das desigualdades raciais na educação e os mecanismos escolares de discriminação existentes. Apesar da escolaridade de brancos e negros crescer de forma contínua ao longo do século, a diferença de 2,3 anos de estudos entre jovens brancos e negros de 25 anos de idade é a mesma observada entre os pais desses jovens. E, de forma assustadoramente natural, 2,3 anos é a diferença entre os avós desses jovens. Além de elevado o padrão de discriminação racial expresso pelo diferencial na escolaridade entre brancos e negros, mantém-se perversamente estável entre as gerações [...] Os dados indicam que o racismo é estruturante das desigualdades a que está submetida a população negra, pois incide sobre ela e determina as suas condições sociais por gerações. [...] As desvantagens educacionais acumuladas fazem com que muitos jovens e adultos negros procurem a EJA para concluir a escolarização básica. (PASSOS, 2012, p. 138).

No quadro três apresenta dados da migração nordestina para o Estado de Santa Catarina, pois dos nove entrevistados seis são nordestinos. De acordo com Silvia Arend, trajetórias de famílias de estudantes da EJA Florianópolis (1980-2007).

Dos entrevistados, quatro trabalhadores não tinham iniciado a escolarização e os demais abandonaram a escola devido à necessidade de trabalharem, pela distância da escola, pela gestação precoce ou por não se sentirem acolhidos pelos professores, etc. Por meio de diálogos com os trabalhadores percebeu-se que existem trabalhadores na UFSC que pretendem continuar a trajetória escolar, contudo encontram dificuldades, tais como, sem tempo livre, falta de informação, a própria timidez e baixa autoestima, dentre outros fatores. No entanto, foi necessário selecionar um único setor da UFSC, sendo o RU para realização do trabalho, entendendo que seria fundamental fazer um recorte para a qualidade da pesquisa, também em função do tempo disponível da pesquisadora. Desse modo, a entrevista com os trabalhadores teve o intuito de coletar dados para posterior análise, com a devida autorização dos entrevistados.

A entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem por objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes (MINAYO, 2009, p. 64).

Os sujeitos que são candidatos da EJA encontram-se, muitas vezes, cansados das lutas pela sobrevivência, desacreditados de si e de suas capacidades. Além de morarem longe da

escola, tem o trabalho doméstico a sua espera em casa após um longo dia de trabalho. Normalmente, são famílias com poucas condições financeiras, esses trabalhadores carregam consigo as marcas do fracasso escolar, a vergonha com relação a quem concluiu os estudos, ou seja, os que tiveram a oportunidade de aprender no que se chama “idade certa”.

Nos relatos das entrevistadas, evidenciam-se elementos de que a realidade nacional de muitos sujeitos que não tiveram a oportunidade de estudar. Percebe-se como o Estado falhou, gerando uma dívida histórica para com a população, pois, muitos jovens e adultos, que não frequentaram a escola, se sentem em uma condição de inferioridade social. O Estado e a família são definidos como os responsáveis por garantir a educação, no casos dos adultos, cabe a eles mesmos lutarem por seus direitos, e ao Estado o dever de garantir que todos tenham a acesso e permanência a educação. Conforme assegura a Constituição Brasileira de 1988, que passa estabelecer a educação como um direito objetivo e subjetivo dos sujeitos jovens e adultos:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p. 124).

### **3 ALGUNS REFERENCIAIS TEÓRICOS: TERCEIRIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DE TRABALHADORES**

#### **3.1 A compreensão do processo de terceirização**

A terceirização é entendida aqui como precarização do trabalho, estratégia neoliberal de escamotear crises e renomear o subemprego. De acordo com Dardot e Laval (2016, p. 07), “o neoliberalismo não é apenas uma ideologia, um tipo de política econômica. É um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e todas as esferas da vida”, transformando profundamente o capitalismo.

Motta (2007, p.44), diz que para entender esse conflito entre educação e trabalho na forma como vem se configurando no mundo globalizado é necessário buscar a relação entre os fundamentos ontológicos e históricos:

Numa concepção concreta, histórica, o trabalho é compreendido como um processo que se dá entre o homem e a natureza durante a produção de sua existência. Ontologicamente, o trabalho é o elemento primário que funda a esfera social do ser. Nessa perspectiva, o primeiro ato histórico é, portanto, a produção da própria vida material – o que o ser humano precisa produzir para atender às suas necessidades para viver – comer, vestir, morar. (MOTTA, 2007, p. 44)

De acordo com Frigotto (2007, p. 1135) vários elementos históricos podem sustentar que, definitivamente, a educação escolar básica (Fundamental e Média), pública, laica, universal, se concretizou para a classe dominante brasileira. Pois, a educação nunca foi algo considerado fundamental para a população empobrecida no Brasil. Neste sentido, concordamos com autor, e corrobora-se com Friedrich et al (2010), que é necessário repensar uma estratégia para a Educação de Jovens e Adultos que já estão inseridos no mercado de trabalho.

Não se pode refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos sem relacioná-la diretamente à forma como a sociedade está estruturada. Os cursos de alfabetização de adultos existem, exatamente, pela falta objetiva de oportunidades educacionais que garantam às crianças o acesso à escola, bem como à sua permanência, haja vista os altos índices de evasão e repetência evidenciados nas estatísticas sociais. (FRIEDRICH et al, 2010, p.17)

Como reflexo da expansão tardia da escola pública e da histórica negligência das elites com a educação das camadas populares, agravada por aquela situação socioeconômica conjuntural, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 1985 aferiu que os brasileiros tinham, em média, pouco mais que 4 anos de estudos, e registrou 17,5 milhões de analfabetos absolutos, um índice médio de 20,6% da população com 15 anos ou mais. (DI PIERRO e CATELLI JR, 2017, p. 36)

Motta (2007, p. 39) que aponta reflexões sobre trajetória histórica da função educativa na sociedade capitalista, afirma que a educação ganha força a partir dos burgueses iluministas, que já percebiam que a educação tem a função de contribuir para formação de um indivíduo consciente da sua cidadania e de promover emancipação, sobretudo intelectual, libertando os homens das crenças e fé, exagerada. Também relata que a educação, enquanto atividade social centrada no homem e em suas necessidades, subordinada é a lógica do capital, exerce as funções de reprodução alienada da força de trabalho e de conformação com a realidade. Percebe-se que o investimento na educação é insuficiente, e a questão de formar um cidadão crítico posterga até hoje, cada vez mais polêmico.

### **3.2 Trajetória histórica da escolarização dos trabalhadores jovens e adultos no Brasil**

O Brasil tem uma dívida histórica com a Educação, e esta dívida é ainda maior com os Jovens e Adultos das camadas populares, pois esta modalidade foi deixada mais de lado, em relação às demais modalidades. Nesse sentido a educação de Jovens e Adultos destinada à classe trabalhadora por muito tempo foi vista pela classe dominante como desnecessária e até prejudicial aos trabalhadores da classe operária. O discurso da elite naturaliza a condição financeira; assim, os menos favorecidos deveriam aceitar a posição à qual foram destinados na sociedade. Na verdade, o que se escondia nessa ideia é que a educação seria subversiva e poderia criar indivíduos perigosos: capazes de entender seu papel de cidadãos questionadores, insubordinados, “inimigos da sociedade” estabelecida.

O trabalho na agricultura ou mesmo na indústria era braçal e dependia de um treinamento mínimo. Seria um desperdício gastar energia e dinheiro com alfabetização de adultos já inseridos no mercado de trabalho, sendo melhor investir na básica e na educação infantil. Essa política de adestramento foi dominante até há pouco tempo.

A história da EJA no Brasil é, portanto, uma história recente. Segundo Cunha (1999, p. 9), na década de 1940 a ideia que se tinha era de que o analfabetismo gerava pobreza. O adulto analfabeto era incapaz política e juridicamente; não podia votar ou ser votado. O fim do Estado Novo trouxe ao país um processo de redemocratização e a necessidade de aumento da quantidade de eleitores. Neste sentido é revoltante porque os interesses giram em torno de quem tem “poder” e a favor dos mesmos. De acordo com Freire (1987, p. 52) é por meio da educação que o sujeito pode encontrar a liberdade, “somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor”.

A Educação de Jovens e Adultos, uma modalidade da educação básica, que gera debate e discussão uma vez que há o enganoso entendimento de que esses sujeitos apenas não concluíram os estudos na idade correta. Aqui, compreende-se que, aos jovens e adultos que não possuem a educação básica concluída, foram-lhes negados os direitos básicos referentes à educação pública e gratuita. A instabilidade econômica da segunda metade dos anos 1980 só fez agravar o já dramático cenário social brasileiro, marcado pelos baixos níveis salariais, inserção precária da maioria da população no mercado de trabalho, elevada incidência de pobreza e miséria, e escasso acesso à educação [...]. (DI PIERRO e CATELLI JR, 2017, p. 36)

Motta (2007, p. 44), cita que, houve avanços e conquistas significativas na educação, porém será que isso vem se democratizando? Vem aumentando a pobreza, a desigualdade social e o desemprego. Diante disso, nota-se que não basta somente investir na educação, pois há uma relação entre economia, política e educação.

De acordo com Laffin (2010, p. 338), muitos vezes jovens, adultos e idosos, não conseguem concluir o ensino fundamental por falta de turmas, quando este direito e as condições de permanência deveriam ser asseguradas pelas instituições públicas. A noção de direito também requer que os estudantes jovens e adultos tenham profissionais habilitados e condições na estrutura física das instituições públicas que atendam às suas particularidades.

## 4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A partir dos dados levantados na pesquisa com os sujeitos investigados, traçou-se um quadro de análise, optando por analisar os dados coletados das entrevistas com base nas questões em comum apresentadas nos relatos dos sujeitos. Construiu-se seis eixos de análise para ler as falas dos entrevistados que serão discutidos nos subcapítulos a seguir.

### 4.1. Falta de autonomia em função da não escolarização

A falta de autonomia em função da não escolarização foi recorrente nas falas dos entrevistados. Observa-se nas falas que eles reconhecem a falta que a escola faz no seu cotidiano, e quanto influencia para sua autonomia, pois são muito dependentes dos familiares e sofrem preconceitos:

“Já sofri muito preconceito por não saber ler e escrever, pois toda vez que preciso pegar ônibus preciso de ajuda, e ao perguntar para as pessoas na rua, nem todas tem paciência para me informar qual ônibus pegar. E perdi várias oportunidades de trabalho por nem mesmo saber preencher um currículo” **(Juca)**

“Preciso aprender a ler, porque sempre dependo de ajuda para saber onde estou escalada no mural, no setor de trabalho”. **(Celia)**

“Evito sair de casa sozinha porque tenho medo de pegar o ônibus errado, o único lugar que vou sozinha é para o trabalho e sempre que preciso ir para outros lugares, no médico, peço para minha nora me acompanhar.” **(Deca)**

“Sonho em aprender a escrever e a ler para ajudar meus filhos com as tarefas escolares, sempre dependo dos parentes para ajudá-los com as tarefas.” **(Catarina)**

Os trabalhadores que são candidatos da EJA encontram-se, muitas vezes, cansados das lutas pela sobrevivência, desacreditados de si e de suas capacidades. Esses trabalhadores carregam consigo as marcas do fracasso escolar, a vergonha de não saber do mesmo modo

que sabem seus pares, que tiveram a oportunidade de aprender, no que se chama “idade certa”. Sendo assim, excluídos também da sociedade, pois o analfabeto é incessantemente oprimido em tarefas simples do dia a dia, como destaca Freire.

(...) o oprimido é aquele que tem sua humanidade diminuída pelos opressores, e ter a humanidade diminuída implica em se reconhecer inacabado, inconcluso, reconhecendo assim sua desumanização. É também, e talvez, sobretudo, a partir desta dolorosa constatação, que os homens se perguntam sobre a outra viabilidade - a de sua humanização. Ambas, na raiz de sua inconclusão, que os inscreve num permanente movimento de busca. (FREIRE, 1978, p. 32)

## 4.2 Perda de oportunidades de trabalho

Outro fator em comum que aparece na fala dos trabalhadores é a falta de oportunidades de trabalho, em relação a não escolarização. De acordo com Gonçalves, (2012, p. 47), há uma tendência de se articular EJA com qualificação profissional, sendo que este movimento por um lado atende o direito à educação para todos e também atende a necessidade do mercado de trabalho. Pois, o mercado de trabalho exige cada vez mais competências, habilidades e saberes dos trabalhadores. Cada vez mais a maioria das empresas não admitem funcionários sem o Ensino Fundamental completo, e outras exigem o Ensino Médio completo, mesmo que seja para assumir um cargo simples, ser capaz de operar com números, resolver tarefas de leitura e escrita é condição fundamental para ser inserido na sociedade com independência e autonomia. A escolarização faz-se necessária para que o indivíduo seja mais produtivo ao sistema para que saiba seguir instruções e movimentar-se no espaço urbano-industrial para que possa consumir produtos e repensar.

“Já perdi várias oportunidades de trabalho por não saber preencher um currículo, tenho expectativas de conseguir vaga no próprio restaurante RU como cozinheiro, porém sei que esta oportunidade é impossível até aprender ler e escrever”. **(Juca)**

“Tenho dificuldade de arrumar emprego, não posso trabalhar numa loja, ser vendedora, só me resta fazer faxina e trabalhos gerais”. **(Catarina)**

“A falta de formação influencia na hora de conseguir um emprego.” **(Tina)**

“Os maiores motivos que encontro para não dar continuidade aos estudos neste momento, para além do tempo, é o trabalho e dedicação a família, e que a falta de formação influencia na hora de procurar um emprego.” **(Vivi)**

“Não tenho perspectivas de trabalhar em outros setores ou oportunidade de crescer profissionalmente.” **(Célia)**

“A falta de formação influencia na hora de conseguir um emprego, pois gostaria de prestar concurso público se tivesse me formado no ensino médio.” **(Dudu)**

“A falta de formação *não* influencia na hora de conseguir um emprego. **(Domingos)**

Conforme relato dos trabalhadores, a formação faz muita falta na hora de conseguir um emprego, e por isso eles tem pouca expectativa de “subir” de cargo na empresa, pois conquistar aquela promoção de trabalho quase sempre está associada a formação escolar. Como os entrevistados trabalham no RU da Universidade Federal Pública, observam seus que seus colegas de trabalho efetivos tem muito mais direitos trabalhistas em relação aos terceirizados. Emergiu na fala dos trabalhadores que gostariam de prestar concurso público, entretanto a não formação impossibilita-os. Segundo Pinto (2017), os direitos trabalhistas de funcionários terceirizados, como vínculo empregatício é com a empresa que presta o serviço e, desse modo, será remunerado por ela. Portanto, podem haver algumas diferenças entre os empregados contratados e os terceirizados, seja em relação ao salário, a jornada de trabalho ou outras cláusulas contratuais. Conforme relato da Cris, os funcionários efetivos da UFSC tem muito mais direitos em relação aos trabalhadores terceirizados. Segundo Marx (apud MOTTA, 2007, p. 45), nas mesmas condições em que se produz a riqueza, produz-se também a miséria, sobretudo destinada aos não escolarizados. Domingos, foi o único trabalhador que afirma que a formação não faz falta, suspeita que é por medo de “perde” o emprego, pois a entrevista foi realizada na mesma semana que o presidente Bolsonaro anunciou cortes de verbas para as Universidades Federais, nestes momentos de crise, as pessoas com menos escolarização ficam com muito medo, pois estão cientes que têm mais dificuldade de arrumar emprego em relação a quem possui o domínio da leitura e da escrita.

### 4.3 A falta de acolhimento por parte dos professores

Os sujeitos geralmente oriundos das classes populares, muitas vezes trazem consigo marcas de fracasso, violência e sentimentos de inferioridade. Diante disso, na pesquisa detectou-se, através dos relatos dos trabalhadores, que o acolhimento por parte da escola influenciou na aprendizagem, seja em qualquer idade, decisão de abandonar a escola. Acredita-se que o acolhimento pode ser um dos fatores que contribuíram para a diminuição das dificuldades educacionais dos estudantes, seja ela em qualquer fase da vida. Pereira (2017), em sua pesquisa de Trabalho de conclusão de curso (TCC) trata sobre o acolhimento como princípio educativo:

Suspeitamos que, ao se sentirem acolhidos, os estudantes também se sintam motivados e deixem de lado a timidez oriunda do pouco amor-próprio resultante, entre outros fatores, do sentimento de inferioridade devido à sua pouca escolaridade e continuem a buscar o conhecimento escolar na EJA. (PEREIRA, 2017, p.10).

Para além dos motivos já citados, aparece fortemente nas respostas dos trabalhadores, que abandonaram os estudos está ligado ao não acolhimento por parte do corpo docente, uma vez que promover o acolhimento favorece adaptação da criança na escola, este fator será importante para todo o ano letivo e, talvez, por toda a vida escolar da criança, pois evitar constrangimentos, traumas e rejeição à escola deve ser uma tarefa inerente aos educadores comprometidos com o bem-estar do educando como requisito da aprendizagem. Entretanto esta preocupação é recente, a maioria dos adultos vivenciaram o sistema de alfabetização tradicional, da lei da palmada.

“O motivo principal que me levou a desistir foi por causa que um dia olhei para trás para falar com amigo, levei uma reguada da professora no braço, a partir deste dia me desinteressei de vez, e não quis mais ir para aula.” (**Juca**)

“A professora que assumiu a turma era muito braba, nos colocava de castigo, por isso nunca quis voltar a estudar, a professora nunca se aproximou de mim para saber se estava tudo bem, ou para me ajudar.” (**Célia**)

“Não tinha vontade de ficar em sala de aula, sempre que possível fugia das aulas, a professora era muito ruim para mim porque eu demorava para aprender”. (**Catarina**)

“Eu não gostava de ir para aula, porque a professora era ruim, e naquela época separavam os alunos em duas turmas: os “melhores” ficaram com a melhor professora e, os demais com outra.” (**Celia**)

De acordo com Laffin (2006) a permanência dos sujeitos na escola está ligada a atenção que recebem por parte dos professores. A permanência dos sujeitos na educação básica já se mostra um grande desafio para muitos, no caso da EJA isso é ainda mais difícil.

Entretanto, o acolhimento como princípio educativo não está presente na prática docente de todos os professores. Sendo assim, diversos motivos podem contribuir para um olhar indiferente do professor para os estudantes, como por exemplo: baixos salários, condições de trabalho precárias, insatisfação pessoal com a profissão, etc.

#### **4.4 A questão do emocional e da autoestima**

Quando se trata de sentimentos e emoções, é preciso que se leve em conta que questões de autoestima e seus desdobramentos emocionais também influenciam no aprendizado dos alunos em qualquer idade, neste sentido observa como estas questões influenciam na vida dos trabalhadores.

“Um dos meus sonhos é aprender a escrever e ler para ajudar meus filhos com as tarefas escolares, pois sempre preciso pedir ajuda para outras pessoas, as vezes uma vizinha, primas para ajudar com a tarefa dos pequenos”. (**Catarina**)

“Eu tenho muita vergonha de não saber escrever.” (**Deca**)

“Tenho muita paixão por não saber ler, as vezes fico mudo para não mostrar que sou “burro” algumas vezes quando estava varrendo o salão, juntei um papel no chão, gostaria de saber ler o que estava escrito, um dia estavam doando livros, infelizmente não pude escolher um, porque não adianta levar para casa sem saber ler. (**Juca**)

“Aos nove anos fui doada para outra família, fiquei tão chateada com minha mãe, que por muito tempo não queria que nem que falasse o nome dela.” (**Celia**)

De acordo com as reflexões dos autores a seguir, o pensamento e o afeto são indissociáveis:

[...] a separação entre pensamento e afeto jamais poderá ser feita, sob o risco de fechar-se definitivamente o caminho para a explicação das causas do próprio pensamento, pois a análise do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades e interesses que orientam o seu movimento (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 305).

Compreende-se, por meio da perspectiva que a afetividade faz parte da constituição do sujeito e pode, como ocorreu com Célia, influenciar a forma de agir, em sua fala, a mesma reafirma mais de uma vez, que quando foi adotada por outra família, não quis mais estudar. Torna-se evidente o quanto seu emocional foi afetado em decorrência do abandono. A história desta trabalhadora me remeteu aos estudos e diálogos que tivemos durante o curso, sempre avaliar contexto social em que a crianças está inserida.

#### **4.5 A maternidade**

A maternidade também influenciou na evasão escolar. Pois, o motivo de gravidez, muitas vezes precoce, faz com que as meninas, desde cedo, assumam o papel de cuidar dos filhos e da família, agravado o fato de apresentarem uma situação econômica desfavorecida, uma vez que a mulher precisa contribuir com a renda familiar ou, muitas vezes, ser a única provedora, encontrando dificuldades para voltar estudar. Os cuidados dos filhos, juntamente com mudança de endereço, foram relatados pelas mulheres, como um dos motivos que dificulta o retorno à escola.

“Os motivos que me levou a não dar continuidade aos estudos foram a gravidez precoce, depois que me mudei para Florianópolis, me matriculei na EJA, mas como tive que me mudar novamente para outro bairro, acabei abandonando os estudos. **(Vivi)**”

“Tive que interromper os estudos porque engravidei muito nova, depois veio o trabalho.” **(Tina)**

“Logo engravidei, em sequência tive que trabalhar para ajudar no sustento da família”. **(Catarina)**

“Depois logo engravidei, aí mesmo que não deu mais para estudar”. (**Celia**)

Nenhum homem relatou a paternidade como dificuldade para estudar, como se esta responsabilidade de criar os filhos fosse somente da mulher. Corroborando com a fala dos entrevistados Haddad e Di Pierro (2000), afirma que os fatores que influenciam na evasão escolar são a busca de emprego; a mudança de endereço; a gravidez na adolescência (no caso das mulheres), as drogas, a comunidade violenta, a distância da escola e a dificuldade de conciliar o trabalho com a escola. Laffin aponta outras demandas de que o trabalhador precisa dar conta no dia a dia.

Principalmente pelo fato de que o sujeito adulto é também um trabalhador que precisa lidar com o cansaço, com outras preocupações, com a sobrevivência e bem-estar da família, com o cuidar dos filhos, da casa, enfim pelo fato do seu processo de escolarização se constituir como mais uma das várias jornadas do seu dia-a-dia (LAFFIN, 2009, p. 10).

#### 4.6 Dificuldades no domínio das tecnologias

O não domínio da escrita e da leitura dificulta a comunicação digital, nos grupos de redes sociais. Pois, os entrevistados relataram que não conseguem ler as mensagens pelo celular, socializadas pelo grupo do *WhatsApp*, por exemplo. É constrangedor para o analfabeto ter que pedir ao emissor para gravar áudio, invés de texto. Vale destacar que redes sociais como o *WhatsApp* vem se tornando ferramenta de trabalho, o que pode comprometer o desempenho profissional dos sujeitos que não dominam a leitura e a escrita.

“Cada vez que recebo uma mensagem, preciso pedir para quem mandou, gravar áudio de voz ou preciso pedir para um filho ler, meus filhos não tem muita paciência de me ajudar”. (**Deca**)

“Me incomoda não conseguir ler as mensagens que recebe no celular, pois tenho vergonha de estar sempre pedindo para alguém ler ou tenho que pedir para gravar áudio”. (**Juca**)

“Sempre que recebo mensagens no celular, preciso de ajuda para ler, para responder eu até consigo porque gravo áudio”. (**Celia**)

“ Sou muito dependente dos parentes por não saber ler e tenho dificuldade de arrumar um bom emprego, e de ler as mensagens do celular”. (Catarina)<sup>6</sup>

De acordo com a pesquisadora Friedrich et al (2010, p. 406), O adulto analfabeto:

defronta-se com a sociedade letrada e necessita de, no mínimo, saber enfrentar a tecnologia da comunicação para que, como cidadão, saiba lutar por seus direitos, pois ao contrário, torna-se vítima de um sistema excludente e pensado para poucos [...] necessitam com urgência aprender o necessário para sobreviver neste mundo científico e tecnológico em que vivem.

Essas questões foram recorrentes nas falas de sujeitos entrevistados, o que as torna importantes para a compreensão do seu contexto social. Durante o percurso da pesquisa relatei para uma colega sobre as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos entrevistados e a mesma para minha surpresa disse: - eles não estudam porque não querem, as escolas estão aí! Após a realização desta pesquisa constatei o quanto a fala daquela conhecida estava equivocada, pois, por meio dos relatos dos trabalhadores percebi o quanto é mais difícil para os adultos empobrecidos tornar a estudar. Nesse sentido, vale a reflexão: antes de você falar, ESCUTE, antes de agir, PENSE, antes de criticar, CONHEÇA.

Amado e Ferreira, (2014, p. 185) os estudos autobiográfico tem por objetivo compreender como as pessoas constroem e reconstróem determinadas trajetórias de sua vida e as influências das instituições como: família, trabalho e social podem interferir na fase da vida do sujeito ou seja o contexto, Estes estudos traduzem a complexidade presente na realidade humana e social. A narrativa biográfica proporciona um trabalho de explicitação - ao mesmo tempo gratificante e doloroso.

Esses sujeitos em grande maioria, tem seu salário como a principal fonte de renda da família, por esse motivo se torna inviável desistir do trabalho para conseguir ir à escola, como o emprego dos trabalhadores da EJA exige horas exaustivas e muito esforço físico acabam ficando cansados no momento de ir para a escola. Estes adultos são tidos como semi e analfabetos se sentem excluídos dos processos sociais, e junto a essa exclusão está presente os constrangimentos, por não terem domínio da leitura e da escrita. a falta de investimento na educação acarreta certas consequências

---

<sup>6</sup> A transcrição das entrevistas na íntegra está em anexo .

Na presente investigação, foi possível constatar que de fato, ainda hoje, existem trabalhadores que nem iniciaram a escolarização e outros iniciaram, porém tiveram que interromper seus estudos pelos principais motivos elencados no presente trabalho. A perda de oportunidade de trabalho foi apontada pelos trabalhadores como a maior causa, em decorrência da não escolarização, mas junto a isso, aparecem outras questões, como a falta de autonomia, a maternidade, dificuldades com o domínio das tecnologias, falta de acolhimentos por parte dos professores e, também apareceu a questão da distância, pois, não é ofertado a EJA em todos os bairros. Ainda observou-se que os sujeitos candidatos a EJA, além dos problemas já citados, enfrentam também os desafios de não terem o apoio da família, principalmente por parte do cônjuge do sexo masculino, além de não incentivá-las a estudar, criticam que depois de velhos não precisa mais estudar. Revivi o que tinha vivenciado na minha infância, ouvindo meu avô dizendo para minha avó que depois de velha não precisa mais estudar. Não acreditei que estava ouvindo isto novamente em pleno século XXI.

Para além dos fatores já apresentados, também surgiu fenômeno do fracasso escolar.

Fenômeno novo, acentuado na década de 90, é a presença significativa de adolescentes nos programas de escolarização antes dirigidos aos adultos. São jovens egressos do ensino regular, com dificuldades na sua escolarização, que acabam por criar novas demandas para a educação de jovens e adultos, tanto sob o ponto de vista das políticas educacionais, quanto dos desafios pedagógicos. (HADDAD e DI PIERRO 2000, p.39)

Conforme depoimento dos trabalhadores o analfabetismo os coloca em posição de inferioridade social, ao mesmo tempo que não lhes permite autonomia para viver nesta sociedade, cercados pelos códigos do sistema de escrita e, com muito mais dificuldades de usufruir do básico para sobrevivência como por exemplo, o domínio das tecnologia para o acesso a outras oportunidades de trabalho, as oportunidade de lazer também são limitadas, para quem não domina a leitura. Nesse viés, Haddad e Di Pierro (2000) que tratam do contexto histórico e político da EJA dizem que:

O analfabetismo no Brasil não é, pois, apenas um problema residual herdado do passado (susceptível de tratamento emergencial ou passível de superação mediante a simples sucessão geracional), e sim uma questão complexa do presente, que exige políticas públicas consistentes, duradouras e articuladas a outras estratégias de

desenvolvimento econômico, social e cultural. (HADDAD e DI PIERRO 2000, p.31)

Percebe-se que a maioria relataram se sentirem “burros” incapazes de aprender com baixa estima por não ter aprendido a ler e a escrever, em alguns relatos emergiu o desabafo de autocensura por não terem conseguido seguir adiante nos estudos, acreditando que a culpa foi deles por não terem se esforçado o suficiente, assumindo para si o fracasso. Não percebem que por vezes este fracasso pode ser gerado pela própria instituição escolar que geralmente não sabe lidar com as diversidades de seus estudantes, gerando esses conflitos internos por parte dos mesmos. Reconhecer que os jovens e adultos vivenciam cotidianamente desigualdades sociais perante o mundo não significa acreditar em um determinismo causal de insucesso na escola.

No caso da EJA, não pode significar uma fragilização e aligeiramento da escolarização e da relação com o conhecimento.

Na maioria das vezes os estudantes da EJA que não conseguiram iniciar ou concluir o ensino fundamental devido a problemas familiares, condições financeiras, mudanças de estado, o não acolhimentos por parte dos professores, preconceitos por parte dos colegas de sala, e corpo docente estando despreparado em relação a estas demandas não conseguiu ajudá-los. Ou, muitas das questões não têm relação com o saber pedagógico e sim com a situação do contexto em que o sujeito convive, e a instituição não consegue lidar com estas situações, rotulando esse estudante como inadequado, sem olhar as diversidades e necessidades individuais do mesmo, dando sequência no ano letivo e fazendo com que esses estudantes acreditem que o problema são deles que não se adequam ao sistema escolar.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi construído por uma estudante que está se formando no curso de Pedagogia da UFSC e que pela primeira vez realizou uma pesquisa empírica sobre um determinado tema. Escolhi a temática de acordo com as minhas afinidades e relevância para a sociedade, pois a EJA, fez e faz parte da minha trajetória de vida. Na hora de escolher a temática surgiram algumas dúvidas, mas no decorrer da pesquisa, fui cada vez mais tendo a evidência de ter acertado na escolha do tema, acreditando que esta pesquisa possa “trazer” contribuições para a EJA.

Nesse sentido, cabe ressaltar que este trabalho ajudou a compreender quais os desafios enfrentados pelos trabalhadores que querem iniciar ou voltar a estudar, e a falta de oportunidade que a classe trabalhadora enfrenta. Há necessidade de dar oportunidades para estas pessoas. Pois, de acordo com Arroyo (2005, p. 22), devemos sempre nos perguntar, quem são esses jovens e adultos? Quais oportunidades tiveram na vida? É necessário repensar estratégias, achar soluções para o problema, como criar mais condições para as pessoas que querem voltar estudar. Penso que há necessidade de “lançar um olhar” de apoio para esses sujeitos desacreditados, que por vezes desconhecem até seus direitos, como foi o caso das algumas entrevistadas que desconheciam que é ofertada EJA na cidade. E necessita-se constituir políticas específicas de reorganização e propostas curriculares que considerem as particularidades dos sujeitos jovens, adultos e idosos.

De acordo com o Secretário da Educação, Maurício Fernandes Pereira, a oferta de EJA no município de Florianópolis vem aumentando. Ele recorda que em 2016, existiam 17 endereços para quem quisesse se alfabetizar e concluir o ensino fundamental, em 2017, esse número foi ampliado para 18 unidades, já em 2018, abriram 24 localidades para quem quisesse voltar estudar. Segundo o Secretário, onde houver necessidade, a Prefeitura abrirá salas da EJA. Espera-se que isto se concretize, e no futuro abram turmas de EJA na UFSC, pois a pesquisa constatou em um único setor de terceirizados que vários adultos gostariam de estudar.

Após concluir as entrevistas, e percebendo o interesse de alguns sujeitos de aprender a ler e escrever, conversei com os trabalhadores perguntando se tinham interesse de formar um

grupo de estudo, pois poderia ajudá-los na alfabetização. Ficaram empolgados com a ideia, então comprei um caderno de cada, e agendamos um horário, deixando bem claro, que eu não era professora formada, que depois de alguns encontros iríamos procurar uma escola que ofertasse EJA para matriculá-los, para que pudessem garantir seus direitos básicos como: vale transporte, lanche e certificado. Em nosso primeiro encontro duas trabalhadoras falaram: “não quero mais sair desta escola, você tem paciência para nos ensinar”, outra completou: “os tempos mudaram, não é mais como quando éramos crianças”. Perguntei para elas, além do nome, quais as primeiras palavras que elas gostariam de aprender? Me emocionei com as respostas da trabalhadora Deca, ela disse: - quero aprender a escrever meu nome e dos meus filhos. Célia respondeu: - quero aprender a escrever “bom dia, tudo bem, como vai...” Para quem sabe escrever nos *whatsapp*. São palavras tão simples, porém tão complexas para quem não teve a oportunidade de se apropriar do sistema da alfabetização. A primeira coisa que as trabalhadoras narraram ao chegar foi que seus cônjuges disseram para elas não irem na aula, mas, mas apesar disso elas vieram bem confiantes, inclusive Célia relatou que acordou às 5h20 da manhã para estar ali.

Após estes encontros realmente compreendi o texto do Arroyo (2005), apresentado para mim pela professora Maria Hermínia Lages Laffin, que trata do campo de direitos dos Jovens e Adultos, da dívida que o Estado gerou com essa parcela da população, terceirizando sua atribuição a ações de assistencialismo ofertado nas igrejas para ajudar as pessoas não escolarizadas. Recordo que no primeiro momento que li o texto não entendi qual a crítica do pesquisador Arroyo (2005), em relação a ajudar quem não teve oportunidade de se alfabetizar na idade apropriada. As trabalhadoras relataram que gostariam muito de continuar os encontros, porém não tinham condições de pagar o vale transporte, neste momento me “caiu a fixa” sobre qual a reflexão do autor. Os alunos precisam estar matriculados numa instituição escolar, para terem seus direitos garantidos, mas precisam ter condições mínimas de permanência como vale transporte, alimentação e certificados.

A EJA sairá dessa configuração supletiva, preventiva e moralizante se mudar o olhar sobre os jovens-adultos e os ver com seu protagonismo positivo: sujeitos de direitos e sujeitos de deveres do Estado. Aí poderá se configurar como política pública, como dever de Estado. As possibilidades de reconfigurar esse direito à educação passam por aí: por avançarmos em uma visão positiva dos jovens e adultos populares, por reconhecê-los como sujeitos de direitos. Conseqüentemente por criar uma nova cultura política: que o Estado re-conheça seu dever na garantia desse direito. A EJA somente será outra do que foi e ainda é se for assumida como política

pública, se for equacionada no campo dos direitos e deveres públicos. (ARROYO, (2005, p.26)

Fica meu apelo para que os pesquisadores continuem com posicionamento político comprometido com a mudança social para combater as desigualdades. Que o poder público tenha mais compromisso e destine mais investimentos para modalidade da EJA, para garantir e possibilitar o acesso e permanência a quem não teve oportunidade de estudar no ensino regular.

Por fim, escrever este TCC foi uma experiência árdua, entretanto de aprendizagem e (auto)conhecimento, de descobertas que contribuíram muito para minha formação inicial, as quais levarei para a sala de aula. Penso que a partir dos dados da pesquisa, algumas ações poderiam ser elaboradas para ajudar os trabalhadores, para além do NETI,<sup>7</sup> quem tem projetos mais voltados, para o Núcleo da Terceira Idade. Seria oportuna a abertura de mais turmas de EJA na própria UFSC, com horários que contemplassem os trabalhadores.

Por fim observa-se que o currículo da Pedagogia prioriza a Educação infantil e o Ensino fundamental I. Em minha experiência durante o período da graduação (quatro anos e meio), foi ofertada somente uma disciplina, na sexta fase, chamada: Educação de Jovens e Adultos. Caso a UFSC venha a abrir turmas para EJA, com foco nos terceirizados, conseqüentemente teríamos, além do direito à educação básica garantidos para aqueles trabalhadores, mais opções de estágio para os alunos da Pedagogia, reforçando a importância da área dentro da própria Universidade.

---

<sup>7</sup> O Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) está localizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e é um projeto idealizado pelas professoras Neusa Mendes Guedes e Lúcia Hisako Takase Gonçalves. Foi inaugurado em 3 de agosto de 1983. Numa tentativa de pôr em relevo os sujeitos adultos e idosos sem escolaridade ou que não concluíram a Educação Básica.

**"A gratidão desbloqueia a abundância da vida. Ela torna o que temos em suficiente, e mais. Ela torna a negação em aceitação, caos em ordem, confusão em claridade. Ela pode transformar uma refeição em um banquete, uma casa em um lar, um estranho em um amigo. A gratidão dá sentido ao nosso passado, traz paz para o hoje, e cria uma visão para o amanhã." (Melody Beattie)**

**Obrigada !!!**

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, [s.l.], v. 94, n. 236, p.299-322, abr. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s2176-66812013000100015>.. Acesso em: 09 outubro. 2019.
- ALBUQUERQUE, Eliana Correia de; MORAIS, Artur gomes de; FERREIRA, Andréa Tereza Brito. **A relação entre alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos**: questões conceituais e seus reflexos nas práticas de ensino e nos livros didáticos, 2013.
- AMADO, João; FERREIRA, Sónia. Estudos auto (biográficos) histórias de vidas. In: AMADO, João (Org.). **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. 2º ed. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2014, p. 169-185.
- ARROYO, Miguel G. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria A.; GOMES, Nilma L. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte/MG, Autêntica, 2005, p. 19-50.
- ARROYO, Miguel. Formação de educadores de jovens e adultos. In: SOARES, Leôncio. **Formar educadores e educadoras de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica/SECAD-MEC/UNESCO, 2006.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira).
- BRASIL. Ministério da Educação. Programa Especial de Treinamento – PET. **Manual de Orientações Básicas – PET**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/PETmanual.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.
- CELEGUIM, Cristiane Regina Jorge; ROESLER, Heloísa Maria Kiehl Noronha. A invisibilidade social no âmbito do trabalho. **Revista Científica da Faculdade das Américas**, ano, v. 3, 2009.
- COSTA, Fernando Braga da, **Homens Invisíveis**: Relatos de uma humilhação social.São Paulo: Globo, 2004.

CUNHA, Maria Conceição da. Introdução - discutindo conceitos básico. In: **SEED-MEC Salto para o futuro – Educação de jovens e adultos**. Brasília, 1999.

CURY, Roberto Jamil. Gestão democrática dos sistemas públicos de ensino. In. OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. **Gestão educacional: novos olhares, novas abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2005.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 402 p, 2016.

DI PIERRO, Maria Clara; CATELLI JR., Roberto. A construção dos direitos dos jovens e adultos à educação na história brasileira recente. Im: GRACIANO, Mariângela; LUGLI, Rosário S. Genta. **Direitos, diversidade, práticas e experiências educativas na Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo, Alameda, 2017, p. 35-60.

FERREIRA, Gesilaine Mucio et al. Da educação para todos à educação inclusiva: a construção da escola. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”, 9., 2012, João Pessoa. **Anais eletrônicos**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2012, p. 1763-1783. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/2.70.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/2.70.pdf). Acesso em: 10 nov. 2019.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau: registro de uma experiência em processo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FRIEDRICH, Márcia; et al. **Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas**. Ensaio: aval. pol.públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 389-410, abr./jun. 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. In: **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1129-1152, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2328100.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.

GIO, A. C. **Metodologia e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

GONÇALVES, Cássia de Rita. Educação de jovens e adultos e o mundo do trabalho. 2012. p. 27-61. In: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (org.). **Educação de jovens e adultos, diversidade e o mundo do trabalho**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2012.

GUIMARÃES, Ana. **Não existem creches na zona rural**. 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/proinfantil/apresentacao?task=view&id=10970>. Acesso em: 02 set. 2019.

HADDAD, Sérgio; PIERRO, Maria Clara di. Aprendizagem de jovens e adultos: avaliação da década da educação para todos. **São Paulo em Perspectiva**, [s.l.], v. 14, n. 1, p.29-40, mar. 2000. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n1/9800.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2019.

LAFFIN, MARIA HERMÍNIA L. F. Tempos e Percursos de Jovens e Adultos: por uma escolaridade 'não perdida' In: **VI Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, 2006. Santa Maria. D ROOM – VI ANPED SUL. SANTA MARIA: PPGE/UFSM, 2006.

\_\_\_\_\_. As relações de acolhimento e reciprocidade na apropriação do conhecimento na Educação de Jovens e Adultos. In: 16th European Conference on Reading and 1st Ibero American Fórum on Literacies, 2009, Braga. **Anais do 16th European Conference on Reading and 1st Ibero American Fórum on Literacies**. Braga: Littera/CIEd., 2009. p. 1-14.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARTINS, Maria das Graças. **Análise de Processos: Um estudo no restaurante universitário da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2017. 133 p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Administração universitária Da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo (SP): Atlas, 2010. 297 .

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOTTA, Vânia Cardoso da. A questão da função social da educação no novo milênio. **Boletim Técnico do Senac**. Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, maio/ago.2007. p.39-51.

NIENCHOTER, R.; STEINDEL, G.E. Trajetórias sócio-escolares na educação de jovens e adultos: uma leitura na perspectiva de Bernard Lahire. **Revista de Educação Pública (UFMT)**, v. 22, p. 13-28, 2013.

PEREIRA, Maria Aparecida. **Docência na EJA: o acolhimento como princípio educativo nas aulas de alfabetização do Núcleo de Estudos da Terceira Idade - NETI/UFSC**. 2017. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Pedagogia – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SARTORI, Anderson. Desenvolvimento Histórico das Políticas Públicas e Educacionais em Educação de Jovens e Adultos na Legislação Nacional. In: LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes (Org.). **Educação de Jovens e Adultos e Educação na Diversidade**. NUP, UFSC, 2010.

AREND, Silvia. **Trajetórias das famílias dos/as estudantes da EJA (Florianópolis, 1980 –2007)**. TORNQUIST; B. Cristiani da; SUZANA Carmen (Org.); AREND Silvia. Histórias e Trajetórias de Jovens e adultos em busca de escolarização. Florianópolis: UDESC, 2009. p.71-79.

PASSOS, J. C. As desigualdades na escolarização da população negra e a Educação de Jovens e Adultos. **Revista EJA em debate**, v. 1, nº. 1, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/998>. Acesso em: 04 jan. 2020.

## 6 APÊNDICES

### 6.1 Termo de consentimento livre es esclarecido

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada **A (D)ESCOLARIZAÇÃO DOS TRABALHADORES TERCEIRIZADOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA: IMPACTOS DO NÍVEL DE ESCOLARIZAÇÃO**. O objetivo dessa pesquisa é: Compreender as relações do nível de escolaridade de trabalhadores terceirizados da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC e os impactos dos processos de (d)escolarização para esses trabalhadores. O estudo justifica-se pela necessidade de se produzirem pesquisas voltadas à compreensão dos processos de trabalhadores em espaços de terceirização.

Esta pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso da **estudante Ivileti Berthier Baggio do Curso** de Pedagogia da UFSC, da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação das professora Dr<sup>a</sup>. Lara Rodrigues Pereira e da professora Dr<sup>a</sup>. Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin.

Durante o levantamento de informações, você será entrevistado (a), a fim de conhecermos seu contexto sociocultural e sobre seus processos de escolarização ou sua ausência.

Como em qualquer investigação que envolva seres humanos, a participação na pesquisa pode acarretar alguns riscos e/ou desconfortos.

Dentre os possíveis riscos, os quais você poderá estar exposto/a ao colaborar com esta pesquisa, está a possibilidade de lembrar, de acontecimentos ou experiências de sua trajetória de vida que lhe provoquem emoções. Caso isso aconteça, você pode se sentir à vontade de não participar daquele momento, ou poderá desistir definitivamente, sem penalização alguma.

As pesquisadoras (acadêmica e orientadoras) serão as únicas a terem acesso aos dados dessa pesquisa e tomarão todas as **providências necessárias para mantê-las em sigilo e**, haverá especial cuidado para com os meios de registros de dados.

Os resultados dessa pesquisa serão expostos na conclusão do TCC e poderão, ainda, ser apresentados em encontros ou revistas científicas. No entanto, mostrarão apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome ou imagem ou qualquer informação relacionada à sua privacidade.

**Sua participação na pesquisa terá como benefício a possibilidade de contribuir para a produção de conhecimentos referentes ao processo de escolarização de pessoas jovens e adultas** Caso tenha alguma dúvida sobre os procedimentos dessa pesquisa você poderá entrar em contato com a pesquisadora a qualquer momento pelo telefone ou e-mail, indicados abaixo.

Eu, como pesquisadora responsável, que também assino junto a você o documento a seguir, comprometo-me a conduzir a pesquisa de acordo com preceitos éticos.

#### TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, li este documento (ou tive este documento lido para mim por uma pessoa de confiança) e obtive da pesquisadora todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade participar da pesquisa: **A (D)ESCOLARIZAÇÃO DOS TRABALHADORES TERCEIRIZADOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA: IMPACTOS DO NÍVEL DE ESCOLARIZAÇÃO**

Florianópolis, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

---

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora

## 6.2 Elaboração do roteiro da entrevista semiestruturada:

### Questões realizadas para aplicar para aos trabalhadores terceirizados da Universidade Federal de Santa Catarina.

**Ao utilizar o estudo descritivo irei buscar nos sujeitos, informações que mostrarão dados mais detalhados para pesquisa.**

**1. Perfil/ Atuação Profissional:** O propósito é neste primeiro momento aplicaremos entrevistas com questões semiabertas com os 57 trabalhadores do Restaurante Universitário para obter informações gerais sujeito profissionais terceirizados da RU, a fim de conhecê-los e ter obter um entendimento do porquê não continuaram os estudos, se tem interesse em continuar estudando? De quais regiões estão vindo? Conhecem seus direitos e onde é ofertado Educação de Jovens e Adultos-EJA?

### 2. Roteiro da Entrevista:

Quadro 1: Questões abordadas na entrevista	
Introdução e perfil dos sujeitos trabalhadores	Apresentação da pesquisadora e a temática de pesquisa Qual seu nome? Qual sua idade? Qual seu local de nascimento? Tem filhos? Qual o seu gênero? ( ) feminino ( ) masculino Qual o seu estado civil?
Desenvolvimento	Você já estudou quando criança/adolescente? Parou de estudar? Quando? Porque?
	Quais as dificuldades que têm para dar continuidade aos estudos?
	Quais os motivos que levaram você a não iniciar ou não dar continuidade aos estudos?
	Quais são as consequências de não saber ler e escrever?
	Você tem interesse de continuar os estudos?
	É ofertada a modalidade EJA no seu bairro? E o que a/o impede de continuar os estudos ?
Finalização	O que você espera do futuro? Você acha que a falta de formação, influencia na hora de conseguir um emprego? Você está satisfeito com seu trabalho? E já perdeu alguma oportunidade de trabalho por falta de formação?

Fonte: Elaborada pela autora, 2019.

### 7.3 Dados dos sujeitos da pesquisa: Transcrição das entrevistas na íntegra.

As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram as seguintes: a entrevista foi gravada com áudio do celular, e também foi anotado no próprio questionário, os entrevistados que não sabiam escrever a entrevistadora ia respondendo às questões, e os demais que já tinha o domínio básico da escrita foram respondendo.

#### Relato do trabalhador Juca

O trabalhador Juca é natural do bairro Agrônômica da cidade de Florianópolis, tem 52 anos, é solteiro e não tem filhos. Atualmente trabalha no restaurante RU executando a função de serviços gerais. Juca narrou que já sofreu muito preconceito por não saber ler e escrever, pois toda vez que precisa pegar ônibus ele necessita de ajuda, e ao perguntar para as pessoas na rua, nem todos tem paciência para lhe informar qual ônibus pegar, outra questão que lhe incomoda neste momento é não conseguir ler as mensagens que recebe no celular, pois segundo ele, é constrangedor estar sempre pedindo para alguém ler ou ter que pedir para o emissor gravar áudio. Ainda afirma que já perdeu várias oportunidades de trabalho por não ser alfabetizado, diz que gostaria de trabalhar como cozinheiro, ou experimentar outras funções dentro do próprio restaurante, no entanto está ciente, que seria barrado por não saber ler. Sempre depende de parentes para ajudar a preencher qualquer documento, inclusive para preencher o seu currículo. Somente assina seu nome porque sua mãe o ensinou, frequentou algum tempo a escola, recorda que uns dos motivos por não ter estudado foi a molecagem, mas o motivo principal que o levou a desistir foi um episódio que aconteceu na escola, pois, um dia ele olhou para trás para falar com amigo e levou uma reguada no braço da professora, a partir deste dia se desinteressou de vez, e não quis mais ir para aula. Porém hoje gostaria de nascer de novo para recomeçar e seguir os conselhos de sua mãe (*in memoriam*). O Trabalhador contou que tem muita paixão por não saber ler, as vezes fica mudo para não mostrar que é "burro" algumas vezes quando estava varrendo o salão, juntou papel no chão, gostaria de saber ler o que estava escrito, também lembrou que certo dia estavam doando livros, infelizmente não pude escolher um, porque não adianta levar para casa, sem saber ler. Seu Juca lembra que admira uma moradora de rua, que passava pelo seu setor de trabalho para pegar livros de doação, observava que a mesma ia até o mural e ficava lendo, parecia uma professora lendo, e diz: "e eu não sei ler nada". Ainda afirma que o que mais admira numa pessoa é quando ela sabe ler. Também observa que os alunos indígenas estão buscando seus direitos que estão na UFSC estudando. As consequências de não saber ler escrever, e as principais dificuldades que o trabalhador Juca encontra para voltar a estudar são a falta de tempo, a vergonha de ter de começar do "zero" Porque a única palavra que consegui escrever é seu nome, e a preocupação que o professor tenha paciência ao ensiná-lo. Obs: percebi em seu relato um trauma que carrega até hoje. Seu Juca foi o sujeito entrevistado que mais chamou minha atenção, pois se expressava muito bem, tem muita facilidade na oralidade, demonstrou que tem conhecimentos dos problemas sociais, e reflete muito sobre a falta de oportunidades. Quando lhe falo sobre a importância dos seus conhecimentos, que ele é muito inteligente, reconhece que sabe muitas coisas, mas reitera a falta que sente por não ler e escrever.

### Relato da trabalhadora Deca

A entrevistada Deca tem 49 anos, é casada, tem cinco filhos, sendo todos já casados. Nasceu no interior do estado da Bahia, mas já mora em Florianópolis há sete anos. Trabalhou alguns anos na mesma casa de família, como empregada doméstica. Atualmente ela trabalha, há mais de três anos, no Restaurante Universitário pela empresa Orbenk, na área da limpeza. Ela não é escolarizada, conta que frequentou alguns meses de aula, porém, a única coisa que ela recorda que a professora mostrou algumas letrinhas. lembra que a professora era muito brava e nunca se aproximou da sua carteira, no entanto a professora tinha suas alunas preferidas. Hoje reflete sobre a falta que faz não ter aprendi a ler porque em seu trabalho tem uma tabela no qual é organizada diariamente, informando qual determinada tarefa cada trabalhador precisa executar com rodízio após o intervalo de almoço, ou seja, conforme as demandas do dia, nesta mesma tabela é sinalizado em qual posto o trabalhador vai assumir. Deca Diz: “às vezes localizo meu nome no mural, mas não sei onde estou escalada, então sempre preciso pedir ajuda para me informar em qual setor vou ficar. Reafirma, é chato estar sempre incomodando as pessoas. Ela diz que evita sair de casa sozinha porque tem medo de pegar o ônibus errado, o único lugar que vai sozinho é para o trabalho e sempre que precisar ir para outros lugares como ao médico, pede para nora ir lhe acompanhar. outra dificuldade que Deca enfrenta é relação ao uso do aparelho celular, pois cada vez que recebe uma mensagem precisa pedir para o emissor enviar vídeo ou pedir para um filho ler, mas relata que os filhos não tem muita paciência de ajudá-la. Percebe-se, neste relato o quanto a trabalhadora Deca se sente constrangida com os conflitos que enfrenta diariamente pela falta da leitura. Quando perguntei quais os motivos que a impede de voltar estudar? Ela responde: “eu tenho muita vergonha de não saber escrever, mas quero voltar estudar, porque a gente passa por muita coisa por não saber escrever nem o nome dos filhos, meu marido diz que de depois de velha não se estuda. Ela não fazia ideia de onde tem uma escola que é ofertada a EJA.

Segundo secretário da educação de Florianópolis, Maurício Fernandes Pereira em depoimento para o Jornal NSC, há um o maior número de localidades da EJA aberta pelo município, recorda que em 2016, haviam 17 endereços para quem quisesse se alfabetizar e concluir o ensino fundamental, em 2017, esse número foi ampliado para 18 unidades, em 2018 abriram 24 localidades para que quer voltar estudar. “Onde houver necessidade, a Prefeitura abrirá salas da EJA”, salienta. É fundamental abrir novos polos de EJA, porém

observou se nesta pesquisa que não é o suficiente, pois a maioria dos candidatos desconheciam seus direitos, e estão desacreditado pelo fracasso escolar. Penso que necessário dar mais visibilidade para os candidatos da EJA, e uma segunda oportunidade para estas pessoas que não tiveram oportunidade de se alfabetizar na idade apropriada

#### **Relato da trabalhadora Célia**

Célia tem 38 anos, é casada, tem dois filhos de 15 e 16 anos, natural interior da Bahia, migrou para Florianópolis faz 6 anos, atualmente reside no Bairro Forquilha em São José. Há dois anos e seis meses trabalha no Restaurante Universitário, contratada pela empresa Orbenk. Narra que aos nove anos sua mãe a doou para outra família, ficou tão chateada com a mãe, que por muito tempo não queria que nem falasse o nome da mãe biológica. Seus pais adotivos insistiram para ela voltar estudar, mas quando ainda morava com a mãe biológica foi para escola por algum tempo, porém não aprendeu nem a escrever seu próprio nome, não gostava de ir para aula, porque a professora ruim. Lembra que na época separavam os alunos em duas turmas: os “melhores” ficaram com a melhor professora e, os demais com outra. Sendo que a professora que assumiu sua turma era muito brava, os colocava de castigo, por isso nunca quis voltar a estudar, queixou-se de que a professora nunca se aproximou dela para saber se estava tudo bem, ou ajudá-la. depois logo engravidou aí mesmo que não deu mais para estudar. Celia atenta que um dos motivos que de não querer estudar esta relacionado com abandono da mãe. Hoje, reflete sobre o quanto os estudos fazem falta na sua vida, pois um dos seus sonhos é ser policial. Neste sentido, ela não tem perspectivas de trabalhar em outros setores ou oportunidade de crescer profissionalmente, uma vez que para trabalhar em outros os setores é necessário ser escolarizado. ela reitera que pretende voltar a estudar uma vez que no setor de limpeza também é necessário saber ler, porque sempre precisa de ajuda para saber onde está escalada, no setor de trabalho, também sempre que recebe mensagens no celular, precisa de ajuda para ler, até conseguiu responder-las grava áudio, porém a maioria. Celia quer saber se é difícil de aprender escrever, ( bom dia, boa noite e como vai) e quanto tempo eu achava que levaria para ela aprender a escrever.

#### **Relato da trabalhadora Catarina**

Entrevistada Catarina é natural de Florianópolis, tem 39 anos, é casada e tem 4 filhos, sendo dois em processos de alfabetização. É natural da Bahia, e mora em Florianópolis desde 2005. Conta que frequentou a escola por um tempo, mas não tinha vontade de ficar em sala de aula,

sempre que possível fugia das aulas, ela diz: “a professora era muito ruim para mim porque eu não aprendia, depois logo engravidei, em sequência tive que trabalhar para ajudar no sustento da família”. A mesma relata que um dos seus sonhos é aprender a escrever para ajudar seus filhos com as tarefas escolares, pois sempre depende de terceiros para ajudar com a tarefa dos pequenos. Catarina conta que tem uma filha com 13 anos não quer continuar os estudos, está muito preocupada porque não quer que a filha venha cometer os mesmos erros, pois, a pessoa fica muito dependente dos parentes quando não sabe ler e tem dificuldade para tudo, inclusive de arrumar um bom emprego, para ler as mensagens do celular, para ler por isto não quero que minha filha pare de estudar. ela reitera: “eu por exemplo não posso trabalhar numa loja, ser vendedora, queria ser enfermeira se tivesse estudado, para ajudar as pessoas, mas como não tive esta oportunidade, só me resta fazer faxina e trabalho gerais”. Observação: quando retornei no RU para dar sequência às entrevistas a encarregada me informou que a trabalhadora Catarina não trabalha mais no RU. As trabalhadoras sentem no dia a dia a falta do estudo, pois a mesma não consegue, ler um recado deixado pela patroa.

#### **Relato da trabalhadora Luna**

A entrevistada Luna tem 28 anos, é casada tem 2 filhos. natural da BA atualmente mora em Florianópolis no Bairro: Córrego Grande, trabalha no RU a dois anos. Quais os motivos que os levaram Luna teve interromper os estudos porque engravidou muito nova, e logo depois do nascimento do primeiro filho começou a trabalhar. Atualmente encontra dificuldades de tempo para dar continuidade aos estudos neste momento para além do tempo, e ter que cuidar dos filhos é a vontade, pois não é ofertada EJA no seu bairro, não teria como dar conta de tudo. Afirma que a falta de formação influencia na hora de conseguir um emprego. Luna diz estar satisfeita com seu trabalho.

#### **Relato da trabalhadora Vivi**

A entrevistada Vivi tem 25 anos, é casada tem 2 filhos. natural de Maceió atualmente mora em Florianópolis no Bairro: Trindade, trabalha no RU a quatro anos. Os motivos que levaram Vivi não dar continuidade aos estudos foram a gravidez precoce, depois que mudou para Florianópolis se matriculou na EJA, mas como teve que se mudar novamente acabou abandonando os estudos. Os maiores motivos que encontra para dar continuidade aos estudos neste momento para além do tempo, é o trabalho e dedicação a família. Afirma que a falta de formação influencia na hora de conseguir um emprego. Obs: Relatou que o ensino na escola que frequentou era fraco, era organizado muito trabalho em grupo porém era passado pouco conteúdo no seu ver.

#### **Relato da trabalhadora Tina**

A entrevistada Tina tem 33 anos, é casada tem 2 filhos de onze e quatorze anos, natural de Águas Mornas- SC. Atualmente mora no Bairro: Agrônômica. trabalha na cozinha do RU

na função de auxiliar administrativa. Cursou o Ensino fundamental II e os motivos que os levaram Tina não dar não dar continuidade aos estudos foi porque começou a trabalhar aos 15 anos de idade em seguida veio os filhos, e depois da gravidez se tornou cada vez mais difícil estudar. hoje encontra dificuldades de tempo para dar continuidade aos estudos. Não sabe se é ofertada EJA no seu bairro, ainda relata que até tem interesse de continuar os estudos entretanto nem procura porque não teria como dar conta de tantas demandas como casa trabalho e ainda estudar, tem dias que chega em casa às nove horas da noite. Afirma que a falta de formação influencia na hora de conseguir um emprego.

#### **Relato do trabalhador Dudu**

O entrevistado Dudu tem 51 anos, é casado tem 5 filhos é natural do bairro: Rio Tavares. trabalha na cozinha do RU na função de auxiliar de cozinha. Cursou até a 5ª série do Ensino fundamental I, lembra que era muito bom na matéria de matemática e português. Infelizmente teve que interromper os estudos para trabalhar, quando perguntei porque teve que interromper os estudos, ele responde que trabalhava de auxiliar de pedreiro, para ajudar sua mãe: “ eu acordava cedo e quando chegava em casa estava muito cansado”. Mas hoje tem interesse em dar continuidade aos estudos. disse que é ofertada EJA no seu bairro, porém não encontra tempo, livre para conciliar o trabalho e estudos, não teria como dar conta de tantas demandas como casa, trabalho, filhos e ainda estudar. ele tem um filho estudando no ensino fundamental I, que ainda precisa de sua ajuda, Dudu aposta na formação dos filhos, já que não teve oportunidade de continuar os estudos. Conta que tem dias que chega em casa às nove horas da noite. Afirma que a falta de formação influencia na hora de conseguir um emprego, pois gostaria de prestar concurso público de tivesse formação .

#### **Relato do trabalhador Domingos**

O entrevistado Domingos tem 42 anos, é solteiro tem 1 filhos é natural do Estado da Bahia, atualmente habita no bairro Serrinha. trabalha na cozinha do RU na função de auxiliar de cozinha. Estudou até a 3ª série do ensino fundamental I, tem interesse de continuar os estudos, porém o trabalho e tempo impedem de continuar estudos, se mudou para Florianópolis pq que dar um bom estudo para o filho é ofertada EJA no seu bairro. Afirma que a falta de formação não influencia na hora de conseguir um emprego. Este foi o único entrevistado que estava inseguro de contribuir para entrevista porque um dia antes foi divulgado o corte de recursos para UFSC, e chegou até eles a notícia que o restaurante RU poderia fechar. Segundo Laffin (2007, p. 102), é na escola que acontece a organização e a sistematização das atividades escolares, objetivando o desenvolvimento e a aprendizagem da cultura humana.

Na presente pesquisa, investigaram-se até o presente momento três pessoas que participaram como colaboradores da pesquisa, do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos da Universidade Federal de Santa Catarina, coordenado pela Prof. Dra. Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin. Além desses sujeitos, houve uma conversa com a Cris, que é responsável por coordenar o grupo de 57 trabalhadores do Restaurante Universitário. Cristiane relatou que essas duas funcionárias, sempre usavam a digital para preencher o cartão ponto, para solucionar esta situação emergencial, ela ensinou as duas, escreverem o primeiro nome para não estar sempre dependendo da tinta. Facilmente elas aprenderão escrever seu

primeiro nome, agora elas não dependem mais do carimbo para assinar o primeiro nome. Porém, ainda elas têm outras limitações por não ter domínio da escrita e leitura.

### **Descrição das entrevistas:**

Observação: senti a necessidade de realizar umas entrevistas neste primeiro momento para “averiguar” o espaço e ajudar na escolha do embasamento teórico. Então fui a campo fazer três entrevistas. E já constatei que há três trabalhadoras sem escolarização.

**A Entrevistada Deca:** recebeu-me muito bem, apresentou-se um pouco tímida e emotiva no início da entrevista, mas quando expliquei que o objetivo da pesquisa era informar sobre seus direitos como cidadã, ela ficou mais tranquila. A mesma tem 49 anos, é casada, tem cinco filhos, sendo todos já casados. Nasceu no interior do estado da Bahia, mas já mora aqui em Florianópolis há sete anos. Trabalhou alguns anos na mesma casa de família, como empregada doméstica. Atualmente ela trabalha há mais de dois anos no restaurante universitário pela empresa Orbenk, na área da limpeza.

A entrevistada A, não é escolarizada, conta que frequentou alguns meses de aula, porém, a única coisa que ela lembra foi que a professora mostrou algumas letrinhas, porém deu para perceber que a mesma desconhecia o alfabeto completo. O que me chamou atenção é que seu pai é alfabetizado, já sua mãe não é. Então procurei saber o contexto daquela época, conforme dados e segundo estudos da história nos remete ao tempo que somente os homens podiam estudar. (buscar por teoria para fundamentar)

Neste relato da entrevistada A, comprova o questionamento de Abreu, (2010, p. 73) sobre a garantia do direito ao Ensino Fundamental gratuito a todos, independente da idade, e se esses sujeitos conhecem seus direitos? Valem-se dele? Quantos alunos, não conseguem concluir o ensino fundamental, por falta de turmas, este direito deveria ser garantido pelo Estado? Se existem profissionais capacitados e instituições adequadas para atender as particularidades.

Confessou que um de seus sonhos caso tivesse estudado, seria policial. Que ela não tem perspectiva de trabalhar em outros setores ou oportunidade de crescer profissionalmente, uma vez que em outros setores é necessário saber ler e escrever.

Entrevistada C: tem 39 anos, é casada e tem 4 filhos, sendo dois em processo de alfabetização, a mesma relata que um dos seus sonhos é aprender a escrever, para ajudar seus filhos com as tarefas escolares, pois sempre depende de terceiros para ajudar com a tarefa dos pequenos. Conta que frequentou a escola por um tempo, mas só queria saber de “bagunça”. Hoje se arrepende muito, e está muito triste porque a filha de 13 anos não quer continuar os estudos. Neste breve retrato da realidade nacional, percebe-se como o Estado gerou uma dívida histórica com a população, ao não ofertar a educação escolarizada como um direito de todos e todas. Como muitos de jovens e adultos, que não frequentaram a escola, passam a estar em uma condição de inferioridade social.

O Estado e a família são definidos como os responsáveis por garantir a educação, um direito de todos. Entretanto, a educação como um direito de todos e dever do Estado, não se efetivou para milhões de brasileiros ao longo destas décadas que nos separam de 1988.

Ou seja, o Estado não conseguiu sequer alcançar um patamar mínimo nos níveis de alfabetização em sua população. Um dado que, infelizmente, não é tratado com a devida atenção e seriedade dentro dos investimentos e das políticas públicas na área educacional.

Relacionar de onde estão migrando as entrevistas:

De acordo com o levantamento do IBGE em pesquisa domiciliar, em 1996 o Brasil possuía 15 milhões de pessoas analfabetas com 15 anos ou mais; a maior parte delas se encontrava nas regiões Norte (parte urbana) e Nordeste. Segundo esses dados, a percentagem de pessoas analfabetas cresce à medida que são consideradas idades mais avançadas. Se de 15 a 19 anos a percentagem é de 6%, de 50 anos ou mais é de 31,5%. Ao mesmo tempo, há indicadores de que as políticas focalizadas no atendimento à educação escolar obrigatória estão promovendo uma queda mais acelerada do analfabetismo nas faixas etárias mais jovens. Os percentuais relativos às taxas de analfabetismo na população de 15 anos de idade ou mais vêm caindo sistematicamente, se tomarmos como referência o período compreendido entre 1920 e 1996.

### 6.3 Certificado: Supletivo 1989

Observação: certificados da formação do ensino fundamental I da minha irmã, me formei na mesma época, infelizmente não localizei meu certificado optei por anexar o certificado da minha irmã para comprovação da data .

